

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CENTRO DE ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS AMÉRICAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO:

**“A PRESENÇA LIBANESA EM FOZ DO IGUAÇU (BRASIL) E CIUDAD DEL
ESTE (PARAGUAI)”**

**Dissertação apresentada
para obtenção do grau de
Mestre em Ciências
Sociais da Universidade de
Brasília.**

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro

Aluna: Aline Maria Thomé Arruda

Brasília, março de 2007

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CENTRO DE ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS AMÉRICAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO:

**“A PRESENÇA LIBANESA EM FOZ DO IGUAÇU (BRASIL) E CIUDAD DEL
ESTE (PARAGUAI)”**

Banca examinadora:

Prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro
(orientador)

Prof. Dr^a. Ellen Fensterseifer Wortmann

Prof. Dr^a. Renata de Melo Rosa

Aluna: Aline Maria Thomé Arruda

Brasília, março de 2007

Para todos que não têm medo ser eles mesmos.

AGRADECIMENTOS

Apesar de toda racionalidade que me foi necessária para concluir o curso e este trabalho, a escolha de fazê-los foi algo de coração, a busca e a vivência de uma paixão. Agradeço a todos que conscientes ou não me deram os mais diversos suportes para que esse trabalho se concretizasse.

À Deus, por ter me conduzido até aqui e limpado os caminhos de forma que eu percebesse a cada dia estar no lugar certo.

Aos amigos. Com gestos simples e, muitas vezes, sem que nem percebessem, tiveram um imenso significado para mim. Orações, palavras de incentivo, torcidas, olhares de confiança e admiração, os quais me esforcei a cada minuto para ser merecedora. Em especial à Tammy Inokuchi Pereira Ottoni e família, pelo apoio “técnico”. Maridélia Moura de Arruda e Raphael Tostes Salin e Souza, meus primeiros e mais pacientes leitores. Gustavo Kaufmann pela tradução.

Vanderlice José Benedito pela sinceridade, pelos conselhos e pela ajuda na tomada de decisões.

Aos mestres de antes e de depois da pós-graduação. Com suas disciplinas, foram capazes de despertar todo desconforto e fascínio necessários para que minha paixão pelas Ciências Sociais aumentasse sempre. Em especial Renata de Melo Rosa, Raquel Boing Marinucci, Marco Antônio de Menezes Silva, Arthur Trindade da Costa Maranhão, na graduação e em momentos depois dela. Luiz Eduardo de Lacerda Abreu, Elizabeth Cancelli, Mariza Peirano, Roberto Cardoso de Oliveira e demais professores do Ceppac.

À Capes, pelo suporte financeiro durante esses 2 anos.

Ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM), pelo apoio indispensável para que a pesquisa de campo se tornasse real e bem sucedida. Em especial à Ir. Teresinha Santin e Prof. Roberto Marinucci.

Aos libaneses e árabes residentes em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este pela acolhida, interesse na minha pesquisa e por compartilhar experiências vividas que são o corpo e o coração desse trabalho.

Ao povo de Foz do Iguaçu, em especial à família Camargo, por viabilizar meus contatos com libaneses com quem convivem há tanto tempo. E à família Moura do Nascimento, que tão calorosamente me hospedou durante 1 mês me dando todo suporte necessário a quem palavras não poderiam agradecer.

A meu orientador Gustavo Lins Ribeiro. Pela acolhida desde antes da minha entrada na pós-graduação até a conclusão deste trabalho. Por sua orientação, contribuição acadêmica, docente e pela confiança em mim depositada.

E, finalmente, àqueles que compartilham comigo todos os momentos e sabem o quão difícil e prazeroso é a convivência diária em família. Nada no mundo, nem palavras, nem ações são capazes de expressar a importância que têm para minha vida e para concretização desse trabalho. Mãe, Pai, Marcus, Vó... só foi possível por causa de vocês.

RESUMO

O presente trabalho analisará o segmento libanês em um espaço comercial etnicamente segmentado, a fronteira brasileiro-paraguaia Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este. O enfoque principal são as relações de distanciamento estereotipificação do diferente entre o segmento libanês e os demais que se encontram no mesmo espaço. São expostas iniciativas com objetivo de preservação e (re)construção de tradições do país de origem, tais como a religião muçulmana, a preocupação com manutenção identitária junto a segunda geração e viagens de (re)conhecimento ao Líbano. Esses temas demonstram uma tentativa de buscar elementos de origem comuns, o que permite a constituição de uma comunidade. Em contrapartida, estereótipos veiculados pela mídia, percepções de brasileiros sobre a colônia libanesa e conflitos que ocorrem no Oriente Médio, são fatores externos ao grupo que complementam a delimitação de uma identidade o grupo analisado. As relações múltiplas com seu país de origem e com aquele em que residem são abordadas sob a perspectiva da transnacionalidade. Vários grandes temas envolvem o trabalho, tais como a segmentação étnica de um espaço, migrações internacionais e transfronteiras.

ABSTRACT

The following work analyzes the Lebanese segment of an ethnically segmented commercial area; the Brazilian and Paraguayan frontier comprehended between the cities of Foz do Iguaçu and Ciudad Del Este. The main purpose of analysis is the stereotyping and distancing between Lebanese and other communities present in the same space. Initiatives of preservation and (re)construction of homeland traditions, such as the Muslim religion, the concern about maintaining identity before their second generation and reconaissance trips back to Lebanon are displayed. These themes give evidence to an attempt of search for common origin elements, what makes the constitution of a community possible. On the other hand, stereotypes spread by media vehicles and distorted perceptions from Brazilians about the Lebanese community and the Middle East conflicts, are foreign factors that help complete the analyzed group identity boundaries. Multiple relations with their homeland country and those with the the country where they reside are studied under the transnacionalism perspective. This work range over several subjects such as the ethnic segmentantion of a given space, international migration and transfrontiers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
SITUAÇÕES DE SEGMENTAÇÃO ÉTNICA E ESPAÇOS DE REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES	2
METODOLOGIA E LIMITES DA PESQUISA	8
CAPÍTULO 1	12
CONTEXTO LOCAL E UM PANORAMA GERAL DA MIGRAÇÃO LIBANESA. 12	
CONTEXTO HISTÓRICO E ECONÔMICO QUE TORNAM ESSA TRANSFRONTEIRA DESTINO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO CONTÍNUO E INTENSO	13
Foz do Iguaçu	13
Ciudad del Este.....	15
Inter-relação entre as cidades	19
CONFLITOS POLÍTICOS E CRISES ECONÔMICAS HISTÓRICAS NOS PAÍSES DE ORIGEM QUE CAUSAM INSTABILIDADES E SÃO UM DOS MOTIVADORES PARA A MIGRAÇÃO.....	20
O SEGMENTO LIBANÊS EM FOZ DO IGUAÇU E CIUDAD DEL ESTE	25
A DINÂMICA COMERCIAL E OS ESTEREÓTIPOS A RESPEITO DA TRANSFRONTEIRA E DA COMUNIDADE NA REGIÃO.	29
CAPÍTULO 2-	32
A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE E PROCESSOS INTERNOS DE (RE) AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA.....	32
A MAIORIA MUÇULMANA;	33
PREOCUPAÇÕES COM A MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES NA SEGUNDA GERAÇÃO.....	40
Projetos da mesquita que enfocam a 2ª geração.....	42
Escola Libanesa Brasileira e Escola Árabe Brasileira.....	47
ESTAR AQUI/ESTAR LÁ – VIAGENS DE (RE)CONHECIMENTO AO LÍBANO	51
CAPÍTULO 3	58
TENSÕES, ESTEREÓTIPOS E MANIFESTAÇÕES: PROCESSOS EXTERNOS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	58
ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELA MÍDIA;.....	59
COMO OS “BRASILEIROS” VÊM OS LIBANESES.....	68
Pequena população, grande poderio econômico.....	68
Conflitos nas relações de gênero	72
CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO, MANIFESTAÇÕES NA TRÍPLICE FRONTEIRA.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
BIBLIOGRAFIA	85
Anexos.....	88

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisará as formas de (re)afirmação e (re)construção identitária de uma etnia em uma situação de segmentação étnica específica. Trata-se do espaço de realização de atividades comerciais criado entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, zona fronteiriça que une Brasil e Paraguai. O segmento étnico a ser analisado é o dos comerciantes de origem libanesa, bem como seus descendentes que desempenham a mesma atividade. Parto do seguinte questionamento teórico: em uma situação de segmentação étnica, de que formas um segmento reafirma a sua identidade? Mais precisamente, considerando o espaço comercial que une Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este como uma situação de segmentação étnica, de que formas o segmento árabe (re)afirma e (re)constrói sua identidade?

Para responder a esta questão tenho em mente duas possibilidades. Primeiramente, penso que há um contexto de estereotipificação do grupo na cidade criado pelo senso comum e por imagens veiculadas pela mídia. As diferenças acentuadas pela tradição islâmica da maior parte do grupo libanês bem como o estereótipo segundo o qual os muçulmanos necessariamente estão envolvidos com atividades terroristas internacionais, geram uma desconfiança recíproca entre a população da fronteira e a comunidade libanesa. Por outro lado, há uma necessidade de aproximação e de cooperação entre essas partes tanto em Foz do Iguaçu quanto em Ciudad del Este e isso é proporcionado pelo comércio, atividade de maior importância na região e que conta com grande influência e participação desse segmento étnico. Junto a outros grupos como chineses, japoneses, brasileiros e originários de outros países árabes, os libaneses são a maioria dos donos de comércio, atividade que necessita da interação com a população em geral para que seja bem sucedida. A interação se dá com os clientes em sua maioria brasileiros, mas com grande número de paraguaios e argentinos

também, bem como com seus funcionários que são quase todos dessas mesmas origens. Em síntese, o argumento fundamental do trabalho é o de que a (re)afirmação e a (re)construção identitária do grupo se dá em relações de cooperação e conflito com relação à população desse espaço comercial transnacional.

Em seguida serão feitas algumas considerações teóricas acerca das migrações internacionais dos séculos XIX e XX e dos espaços etnicamente segmentados. Mais adiante serão feitas algumas considerações sobre a metodologia e as limitações do trabalho. No primeiro capítulo apresentarei os atores, ou seja, os imigrantes libaneses e seus descendentes e o contexto de fronteira no qual vivem. O segundo capítulo versará sobre a formação da comunidade e os processos de (re) construção intrínsecos a ela. O terceiro capítulo trará fatores externos ao segmento étnico libanês, tais como estereótipos divulgados pela mídia e percepções da população local, que influenciam na formação identitária da comunidade. Por último, encontram-se as considerações finais acerca da pesquisa e de perspectivas futuras de trabalhos sobre o grupo.

SITUAÇÕES DE SEGMENTAÇÃO ÉTNICA E ESPAÇOS DE REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES

Em “A Europa e as Pessoas sem História”, Wolf (1982) localiza as migrações internacionais contemporâneas como um dos frutos de um processo que se iniciou após a expansão europeia no século XV, passou pelo desenvolvimento do sistema capitalista e foi estimulado mais tarde pela Revolução Industrial e pela formação de classes trabalhadoras e suas migrações entre os continentes. Apesar das especificidades de cada corrente ou grupo migratório, Wolf traz uma nova perspectiva, mais ampla, para estudos feitos sobre populações

migrantes que foram afetadas por um processo muito maior que abrangeu, em diferentes proporções, várias partes do mundo.

Todo esse processo de desenvolvimento do sistema capitalista trouxe duas conseqüências marcantes que incidiram no aumento massivo dos fluxos de pessoas ao redor do mundo. A primeira foi a transformação da força de trabalho em mercadoria vendável como qualquer outra. A segunda foi o deslocamento do capital por várias partes do mundo em diversos períodos. Esses dois fatores reunidos fizeram com que, de um lado, os trabalhadores buscassem vender sua força de trabalho e, de outro, com que nas regiões do globo em que havia crescimento da produção houvesse demanda por esse tipo de mão-de-obra. Alguns países desenvolveram suas atividades agrícolas e industriais com sua força de trabalho interna, outros vários importaram a maior parte. Três períodos mencionados por Wolf demonstram como houve uma relação forte entre o deslocamento de trabalhadores de algumas regiões específicas para outras onde o desenvolvimento industrial caminhava de maneira ascendente. O primeiro se refere ao início da indústria na Inglaterra, especialmente em meados do século XIX em que muitos migrantes do próprio país se deslocaram para a região de Lancashire onde o crescimento da indústria de processamento do algodão era intenso. Muitos irlandeses também se dirigiram para o local com intuito de atuar no mesmo setor. O segundo momento se refere às migrações de Europeus para as Américas durante o período de crise econômica que se abateu em algumas regiões do velho continente. O alvo de maior direcionamento desses migrantes foi os Estados Unidos, país em que o crescimento industrial foi mais forte. Os dados mostram que entre 1820 e 1915 o país absorveu cerca de 32 milhões de imigrantes, em sua maioria europeus. O terceiro momento trouxe trabalhadores de origens diversas – Europa, África, Índia, China, Japão- para exploração de minas e para trabalhar em lavouras em países tropicais tais como África do Sul e Brasil (Wolf, 1983: 354-363).

Esses movimentos estabeleceram uma hierarquia de trabalhadores que eram “classificados” segundo suas habilidades, como superiores ou inferiores de acordo com a demanda de cada época e de cada local. Há possibilidades de mobilidade na pirâmide social resultante, dependendo do que fosse considerado necessário a um trabalhador, do momento e de onde ele estivesse. Em algumas situações, demandavam-se trabalhadores mais especializados para determinados setores ou funções em troca de salários mais altos, em outras, surgiam espaços para atuação de trabalhadores menos especializados e eram oferecidos salários mais baixos. Nada impedia, entretanto, que essas demandas variassem no decorrer do tempo. Essa hierarquização, exatamente por existir em escala global, não era apenas determinada pelo nível de especialização dos trabalhadores, mas também pela etnia a qual pertencia essa força de trabalho. Essa noção de estrutura no mercado de trabalho, relacionada a grupos étnicos é o que se denomina mercado de trabalho etnicamente segmentado.

Não que a única motivação para as migrações seja essa demanda por trabalhadores em partes diversas do mundo. Porém as modificações no sistema mundial cada vez mais integrado fizeram com que ao longo desses últimos dois séculos e agora, início do século XXI, as migrações internacionais continuem freqüentes ainda que variem nos seus principais focos e que tenham diversas motivações e intenções por parte dos migrantes.

Portes e Rumbaudt (1992) consideram categorias referentes aos tipos de imigrantes que chegam aos EUA e que podem servir também para pensar os que chegam a outros países. A primeira categoria a que se refere são os “migrantes trabalhadores”, composto por pessoas que saem de seus países em busca de colocações no mercado de trabalho como empregados rurais ou urbanos. A segunda categoria é a dos “migrantes profissionais” que se constitui em profissionais especializados em alguma área, normalmente com cursos superior tais como biólogos, profissionais da área da informática e de tecnologia, engenheiros, dentre outros que

se mudam para países cujas oportunidades de atuação em suas áreas são consideradas mais interessantes. A terceira categoria é denominada “migrantes empreendedores” (entrepreneurs) que partem para outras localidades com objetivo não de trabalhar e sim de estabelecer seu próprio negócio. Por último, temos a quarta categoria, a de “refugiados e asilados” que saem de sua terra natal de maneira forçada ou por estarem fugindo de situações calamitosas como guerras ou crises de extrema miséria. Obviamente são categorias que servem apenas para facilitar estudos a respeito de migrações e não se constituem em noções rígidas. Nada impede, por exemplo, que um migrante trabalhador adentre um país inicialmente com objetivo de trabalhar e, posteriormente, quando já estiver economicamente mais estável, monte o seu próprio negócio e passe a ser parte do grupo de migrantes empreendedores. Outras combinações de casos específicos podem transitar entre essas categorias.

A conclusão a que se pode chegar é que a atuação dos migrantes pode ir muito além do papel de trabalhadores e, ainda assim, não deixa de ter relação com o desenvolvimento capitalista de forma indireta. Muitos migram com motivos empreendedores e em situações de fronteira cujo comércio é bastante desenvolvido para aproveitar as variações cambiais entre dois países e por incentivos governamentais como é o caso da fronteira de Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este. Obviamente onde há empreendedores, migrantes ou não, há a demanda por trabalhadores para atuar como operários ou como funcionários e é aí que vários outros grupos podem atuar no mesmo espaço e de forma etnicamente segmentada e hierarquizada como é o que ocorre na transfronteira em foco. Segundo Simmel (1983:183-184), o comércio acaba por absorver ainda mais do que a produção primária, sobretudo em espaços em que outras posições econômicas estão ocupadas, especialmente para o estrangeiro que pode aparecer como uma “peça extra”, que não estava lá inicialmente e chega em busca de espaço.

A chegada de estrangeiros a um determinado lugar, sempre leva à necessidade de refletir acerca da convivência entre os diferentes povos. Como bem explicita Cardoso de

Oliveira (2000), situações de migrações são uma excelente oportunidade para reflexões acerca de identidade, etnicidade e nacionalidade, para investigações estratégicas capazes “de elucidar os mecanismos de identificação pelos outros, tanto quanto os de auto-identificação, não obstante esta ser reflexo daquela” (Cardoso de Oliveira, *idem*, 8-9). Ribeiro (2000a: 43) afirma algo semelhante com relação a espaços etnicamente segmentados. Neles dois elementos são fundamentais para a (re)construção de identidades: o cotidiano e a convivência com representantes de outras identidades. O cotidiano e a rotina são fundamentais para a formação das subjetividades e das “consciências práticas discursivas”. Isso se desenvolve na convivência em redes sociais em universos como os “do grupo doméstico, da educação formal e do trabalho, universos que ocupam a maior parte do tempo da maioria dos atores sociais das sociedades modernas” (*idem*: 44). O segundo elemento importante é a formação de identidade em “co-presença com representantes de outras identidades (...) Quanto maior for a segmentação étnica, maior a fragmentação provocada pelo sistema interétnico e maior a importância dos processos vinculados a essa situação no cotidiano dos agentes” (*ibidem*). Isto é, quanto maior for o contato com grupos que possuam hábitos, religião, percepções diferentes das suas, maior a tendência dos diferentes segmentos se reafirmarem como um grupo de pessoas que tenham características semelhantes. É importante frisar que, no espaço a ser analisado nesta pesquisa, além da situação de convivência interétnica ser favorecida pela grande quantidade de migrantes presentes na região, há também outro fator que propicia esse contato diário com a diversidade, pois trata-se de uma situação de fronteira urbana entre três países.

Na tríplice fronteira Argentina, Brasil, Paraguai ocorre também um outro fenômeno comum à situação de migrações internacionais, aquilo que Cardoso de Oliveira (2000, 9) chamou de “etnização de identidades nacionais”. Conforme já mencionado, grande parte dos migrantes considerados do segmento árabe é de origem libanesa. Internamente a este

segmento existe diferenciações que incluem a região de origem no Líbano, bem como o contraste com representantes de outros países, como a Palestina. De qualquer forma, para a população paraguaia e brasileira são conhecidos como “árabes” e muito frequentemente como “turcos”. A primeira denominação é aceita com facilidade, não se importam de ser chamados de árabes em detrimento do fato de serem libaneses ou palestinos. Já a segunda denominação não é tão aceita por ser um termo em certa medida pejorativo, porém relevado pelos imigrantes e seus descendentes por crerem que não necessariamente o termo seja usado com objetivo de ofender e sim por ignorância ou por ser uma forma de categorização já cristalizada entre a população local. Há uma resistência ao termo “turco”, não apenas na colônia árabe dessa fronteira, mas em outras localizadas em partes diversas do Brasil. Foram chamados de turcos desde o início da imigração maciça dos povos do Oriente Médio, pelo fato de grande parte deles ter chegado com passaporte turco, pois nessa época os territórios que hoje pertencem à Síria e ao Líbano estavam sob domínio da Turquia (Truzzi, 1991).

É importante perceber que as migrações internacionais contemporâneas são parte de um processo mais profundo de interação entre diversas partes do mundo, em especial quando se trata de populações diaspóricas como a que me preocupa. Nele há uma modificação das relações de espaço e tempo que tornam o ambiente mais propício à condição da transnacionalidade, conforme a denominou Ribeiro (2000b). Ainda sobre a temática da transnacionalidade Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc, (1994:32) afirmam:

“Bounded concepts of culture, whether signaled by the rubric of tribe, ethnic group, race, or nation, are social constructions. They are reflective not of the stable boundaries of cultural difference but of relations of culture and power. Moreover, while at any one time, culturally constructed boundaries – be they those of nations, ethnicities, or races – may seem fixed, timeless, or primordial, dynamic processes of reformulation underlie the apparent fixity. The current confluences of time and space brought about by global communications and transnational social relations only serve to highlight more deep seated contradictions in the way in which we think about culture and society”

Desde sempre é difícil tratar a temática da convivência interétnica por concepções essencialistas de cultura e identidade, dado que as “trocas culturais” são inevitáveis e não é possível definir um processo dinâmico por conceitos que parecem dar a ele uma condição estática, conforme afirmaram as autoras acima mencionadas. Estamos em uma época onde há uma cada vez maior compressão do espaço tempo, acentuada por meio de diversos recursos tecnológicos, como o telefone, a televisão, a internet, além do desenvolvimento dos transportes internacionais. Por esses e por outros diversos fatores essa condição da transnacionalidade intensificou-se facilitando, real ou virtualmente, o “estar aqui e estar lá”, proporcionando ainda mais a dificuldade de definir o pertencimento a uma determinada nação ou a outra, no caso dos “transmigrantes”.

“Nesse contexto, o transnacionalismo é definido como ‘processos pelos quais forjam e sustentam relações sociais multientrelaçadas que unem suas sociedades de origem com a de residência’ (Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc, 1994:7). Interessados ao menos em dois países, esses transmigrantes podem usar suas identidades ambíguas para provocar mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas tanto no país onde nasceram quanto naquele onde migraram” (Ribeiro idem, 123).

METODOLOGIA E LIMITES DA PESQUISA

Os dados expostos e analisados nesse trabalho foram colhidos durante pesquisa de campo realizada entre o mês de agosto e setembro de 2006 em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Como todo trabalho acadêmico, possui suas limitações, fatores que devem ser expostos para que se compreenda o que foi possível abranger em seu conteúdo.

O número de árabes que habitam a região não é consensual nem há dados exatos e confiáveis sobre isso. De acordo com alguns de meus interlocutores e com alguns jornais da região¹, o número está em torno de 12.000 a 20.000 pessoas provenientes de países do Oriente

¹ “O Globo” <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2006/08/17/285309299.asp> em 07/10/2006

“Gazeta do Povo” <http://canais.ondarpc.com.br/noticias/mundo/conteudo.phtml?id=583657> em 07/10/2006.

Médio e seus descendentes. Dados do “Perfil da População de Foz do Iguaçu” de 2006², fornecido pela Prefeitura Municipal, apresentam números acerca dos estrangeiros cadastrados e residentes na cidade. Eles demonstram que há 2.489 provenientes de países árabes sendo a esmagadora maioria do Líbano, com 2.353³. Esses últimos dados, porém, excluem a maior parte daqueles que se reconhecem e que são reconhecidos como “árabes”, ou até mesmo os que são nascidos no Oriente Médio e de fato possuem documentos de naturalizados brasileiros. Dentre os meus 17 entrevistados, todos possuíam cidadania brasileira, sendo que alguns portavam também documentos de nacionalidade paraguaia. O quesito reconhecer-se e ser reconhecido é bem mais complexo que o simples portar documentos de cidadania e nacionalidades diversas. A antiguidade da colônia na região faz com que muitos dos migrantes tenham vivido mais tempo nela do que em seu país de origem, além de já existir segunda e até terceira geração. As interações são inevitáveis, mas variam, alguns mantêm vínculos mais intensos com o país de origem, outros maior proximidade com o lugar onde moram, trabalham e se relacionam com outros segmentos étnicos. A ambigüidade identitária é evidente, na maior parte dos casos.

Durante minha permanência na fronteira, pude observar algumas situações, conversar informalmente com vários “árabes”, e entrevistar 20 donos de comércio: 3 palestinos e 17 libaneses. Dentre esses, 15 de primeira e 5 de segunda geração. Ademais, 5 libaneses ou descendentes que não eram comerciantes. Também entrevistei 6 brasileiros que trabalham para árabes ou descendentes.

É necessário mencionar a dificuldade na realização das entrevistas pelo próprio contexto dessa Tríplice Fronteira no marcada por práticas de contrabando, pirataria, tráfico de drogas, tráfico de pessoas, dentre outras, bem como a associação que se faz da comunidade

² Disponível em: <http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/Portal/VisualizaObj.aspx?IDObj=113> consulta em 04/10/2006.

³ Provenientes de outros países são: Argélia – 4; Iraque – 2; Jordânia – 45; Marrocos – 2; Palestina – 14; Paquistão – 8; República Árabe do Egito – 8; Síria – 53.

árabe local com conflitos no Oriente Médio e com grupos extremistas islâmicos como o Hezbollah e o Hamas⁴. Como minhas perguntas eram direcionadas à (re)afirmação e (re)construção de identidades do grupo, relacionadas à sua atuação nas atividades comerciais locais, havia um certo desconforto por parte de meus interlocutores a respeito destes temas, dados os vínculos com atividades consideradas ilegais por parte do Estado. Especialmente as “autoridades” e representantes da “colônia” são bastante procurados pela imprensa nacional e internacional com frequência por conta dessas suspeitas. Não há como negar que já haja respostas prontas para os questionamentos desta ordem. Tais respostas visam a defesa diante de tantas acusações sem comprovações veiculadas pela mídia.

Outro fator limitante da pesquisa, especialmente nas entrevistas com imigrantes de primeira geração, foi o fato de eu ser uma brasileira e, portanto, nacional do país que os acolheu e onde permanecem até hoje. Apesar das saudades de casa manifestada por quase todos, tiram o sustento de suas famílias de uma atividade que precisa da receptividade dos nacionais para que seja bem sucedida, o comércio. Em alguma medida, são vistos e se sentem como diferentes, pois já estão inseridos no contexto social brasileiro, mas não têm como se desvincular (e nem sempre querem isso) de suas raízes. Tendiam a me dizer coisas gentis a respeito do Brasil e dos brasileiros para que eu não me ofendesse, na qualidade de uma nacional do país.

Por outro lado, tive algumas facilidades para obtenção de informações junto ao grupo. Sou descendente de árabes de terceira geração, meus avós maternos são nascidos no Líbano e migraram para o Brasil no início do século XX. Assim conservo alguns traços físicos semelhantes aos característicos de libaneses. Apesar de minha família não ter mantido muito das tradições, por exemplo apenas minha avó domina o idioma árabe e raramente o usa, em

⁴ Mais adiante será feito um breve histórico desses grupos. Ainda que questões geopolíticas não sejam o foco principal da pesquisa, a percepção a respeito desses grupos do ponto de vista da comunidade é relevante para sua reafirmação identitária.

alguns aspectos conheço algo da cultura especialmente no que diz respeito à culinária. Estes fatores criavam um espaço de conforto para a interatividade com o grupo. Como nos primeiros dias em que cheguei lá não conhecia nenhum representante do grupo alvo de minha pesquisa, dependia muito daqueles a quem fui primeiramente apresentada e que se dispuseram a contribuir com o meu trabalho para que me apresentassem outros com quem eu pudesse conversar e ter maiores dados e impressões a respeito da comunidade. Um de meus primeiros interlocutores, e que me apresentou a alguns de seus vizinhos de loja também libaneses usou a seguinte fala para me introduzir

“Essa é a Aline, estudante que veio de Brasília para fazer uma pesquisa sobre os árabes aqui em Foz. Ela também é descendente de libaneses e está entrevistando pessoas, eu já dei meu depoimento a ela, você pode fazer isso também?” (S.).

Nesses momentos minha aparência física e algum conhecimento a respeito das tradições libanesas ajudaram muito. Não foram poucas também as vezes que me questionaram se eu não era descendente de árabes e a partir daí o diálogo fluiu com mais facilidade. Os árabes da fronteira são vistos e considerados muito “desconfiados” e “fechados” pela comunidade local em geral e essas foram formas facilitaram meu relacionamento com eles durante a pesquisa de campo.

CAPÍTULO 1

CONTEXTO LOCAL E UM PANORAMA GERAL DA MIGRAÇÃO LIBANESA

Trata-se de uma fronteira tríplice, A união dos três países nesta área se dá em um espaço que interconecta as cidades de Puerto Iguazu (Argentina), Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai) unidas por duas pontes - a Ponte da Amizade (inaugurada em 27-03-1965) que liga Brasil e Paraguai, e a Ponte Tancredo Neves (inaugurada em 29-10-1985) que liga Argentina e Brasil. Já que os imigrantes de origem libanesa que atuam no comércio da região, o fazem em Foz do Iguaçu e em Ciudad Del Este, o enfoque do trabalho envolverá apenas essas duas cidades. Farei, primeiro, uma descrição das duas cidades e em seguida das relações que estabelecem entre si.

Alguns aspectos que caracterizam cada uma delas, especialmente em termos de crescimento e potencial econômico, são importantes para que se compreenda o porquê e em quais momentos existe uma maior ou menor atração de migrantes para a região. Wolf (1982) demonstra como há relação íntima entre o aumento das migrações e dos fluxos de pessoas pelas diversas partes do mundo nos séculos XIX e XX e o deslocamento do capital em escala global após a revolução industrial. A história das principais fontes de geração de renda e empregos, ou seja, a dinâmica econômica é fator importante para a compreensão da imigração libanesa para o local e influi em situações diversas de (re)afirmação e (re)construção identitárias.

CONTEXTO HISTÓRICO E ECONÔMICO QUE TORNAM ESSA TRANSFRONTEIRA DESTINO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO CONTÍNUO E INTENSO

Foz do Iguaçu

Fundada em 1914 com o nome de Vila Iguassu, cidade iniciou-se alguns anos antes como uma colônia militar que pretendia delimitar definitivamente o território brasileiro e finalizar as disputas junto a Argentina e Paraguai. Em 1918 seu nome passou a ser Foz do Iguaçu.

O desenvolvimento e crescimento econômico da cidade, que a tornou atrativa para pessoas de outras regiões, iniciou-se com a tentativa de demarcação do território nacional pelo aproveitamento da região das quedas d'água do Rio Iguaçu que já contava com investimentos do governo argentino direcionados ao turismo desde 1902 (Mendonça, 1999). No início da década de trinta houve a desapropriação das terras que continham as Cataratas pelo governo e a partir daí iniciou-se investimentos para criação de um Parque Nacional, oficialmente constituído em 1939. A estratégia inicial do lado brasileiro não era proporcionar um desenvolvimento da região do Oeste do Paraná por meio do turismo. Segundo Paes (2003:86) outros quatro motivos tiveram maior peso: as condições de isolamento do resto do país, a forte ligação econômica e sócio-cultural da região com a Argentina e a criação de um campo de aviação no local.

Paes (2003:175-180) divide o crescimento da cidade, a partir da década de 1940, em três ciclos econômicos. O primeiro perdurou de 1940 a 1969, quando começou a aumentar o deslocamento de turistas para a região visando conhecer as Cataratas do Iguaçu. O segundo perdurou de 1970 a 1979, caracterizado pela construção da Usina Hidrelétrica Bi-nacional de Itaipu. E, finalmente, o terceiro que vai de 1980 a 1995 quando o turismo, especialmente de

brasileiros, começou a se modificar e a ser denominado “turismo de compras”, já que a principal motivação era a compra de produtos importados em Ciudad del Este. Adiante será melhor explicado de que forma cada um desses ciclos teve impacto no crescimento da cidade, especialmente no comércio, setor em que majoritariamente atua o segmento libanês.

Somente a partir da metade da década de cinquenta, mais intensamente na década de sessenta, houve real incentivo no lado brasileiro para desenvolvimento e exploração do potencial turístico da região. Em 1960 a população ainda era de 9.754 habitantes e as atividades agrícolas desenvolvidas por familiares gaúchas e catarinenses eram predominantes (Karsten e Ferreira, 1989:7, apud Paes, idem: 90). O acesso via terrestre era precário pela inexistência de boas rodovias, porém por via aérea isso era possível. Já existia também alguns hotéis na cidade e a tendência foi crescer a partir de então. Dois eventos nos anos seguintes propiciaram algum crescimento: em 1965, a inauguração da Ponte da Amizade que ligou Foz do Iguaçu a Puerto Presidente Stroessner⁵, e em 1969, a reconstrução da BR-277 que ligava outras cidades do Paraná à cidade. De acordo com o censo de 1970, a população de Foz do Iguaçu atingiu mais do que o dobro em 10 anos, subindo para 20.147 habitantes.

O atrativo determinante para o crescimento populacional veio com o início da construção da hidrelétrica binacional de Itaipu. O acordo fechado entre os governos brasileiro e paraguaio em 1974 previa a construção de uma usina aproveitando as águas do Rio Paraná que beneficiaria em larga escala ambos os países em termos de abastecimento energético. A construção de um grande projeto como Itaipu tem a capacidade de atrair milhares de pessoas para sua concretização. Deslocam-se desde grandes empreiteiras internacionais, com seus técnicos especializados, até mão-de-obra menos qualificada para realizar o trabalho mais braçal.⁶ Entre 1970 e 1980, período do ápice das obras de construção da usina, a população da

⁵ Que mais tarde se tornou Ciudad del Este, maiores explicações a respeito dessa transição serão feitas adiante no próximo tópico a respeito da história e caracterização geral desta cidade.

⁶ Sobre a construção de grandes projetos como hidrelétricas ver Ribeiro (1991).

cidade cresceu em proporções gigantescas para 101.447 habitantes. Havia cerca de 40.000 trabalhando na construção da hidrelétrica e os outros vieram atraídos de forma indireta pelo projeto. O governo implementou várias medidas estruturais para receber e sanar necessidades dessa grande população tais como reforma e ampliação do aeroporto, criação de vias que dessem acesso aos novos bairros da cidade, melhoria dos meios de comunicação dentre outros. Obviamente para isso se fez necessária a vinda de mais mão-de-obra. Outras atividades que também cresceram paralelas e vinculadas a esse aumento populacional foram as de ordem comercial (Paes idem, 105)

Desde a construção da Ponte da Amizade que uniu definitivamente Brasil e Paraguai naquela região e da mesma forma a construção da Ponte Tancredo Neves que possibilitou uma maior facilidade de acesso à Argentina, as atividades comerciais de venda de produtos brasileiros para esses países tornou-se um atrativo para vinda de migrantes interessados no potencial comercial de Foz do Iguaçu. A quantidade de estabelecimentos comerciais na cidade aumentou muito nos mais diversos setores, têxteis, calçados, alimentação etc. Empresas exportadoras também fortaleceram-se na região. O aumento da população da cidade com a construção de Itaipu gerou oportunidades no comércio local para atender a demanda cada vez maior. Por fim, o grande número de turistas que circulavam semanalmente interessados em fazer compras no Paraguai abriu oportunidades para a criação de estabelecimentos de apoio a esse novo público, como pequenos hotéis, albergues, guarda-volumes, dentre outros.

Ciudad del Este

Fundada em 1957, hoje é a segunda cidade em importância econômica e demográfica do Paraguai, atrás apenas da capital Assunção. Sua fundação tem íntima relação com o plano estratégico do governo paraguaio de ligação do país com o Oceano Atlântico via Brasil e seu

desenvolvimento está relacionado com o vertiginoso crescimento do comércio na cidade. Inaugurada como “Puerto Presidente Stroessner” teve seu nome alterado pela primeira vez em 1973 para “Ciudad Presidente Stroessner” quando foi designada capital do “Departamento do Alto Paraná”⁷. Com a queda em 1989 do ditador Alfredo Stroessner, cujo governo iniciou-se em 1954, passou a ser chamada Ciudad del Este. Uma série de acordos firmados entre Brasil e Paraguai proporcionaram o desenvolvimento e a consolidação de um dos maiores comércios populares do mundo nessa cidade paraguaia.

Geograficamente o Paraguai é um país intracontinental, sem saída para o mar, o que prejudica sua independência para realização de atividades de comércio exterior. Somado a esse fator, as medidas governamentais ao longo dos anos não incluíram políticas de substituição de importações no país, como ocorreu no Brasil e na Argentina, por exemplo (Rabossi, 2004:17). Esses dois últimos países limitaram as importações, aumentando impostos sobre bens que pretendiam incentivar a produção nacional. Já o governo paraguaio optou por incrementar as importações para que a entrada de produtos e consumo no país fosse facilitada. Essas características geográficas e econômicas fizeram com que o Paraguai se tornasse sempre dependente dos países vizinhos para a entrada de produtos em seu território.

Até a gestão de Tomás Tomero Pereira, presidente do Banco Central paraguaio até o governo Stroessner, os acordos para acesso a portos se limitavam à Argentina e a principal entrada e saída de produtos do país se dava pelo porto de Buenos Aires (Moraes, 2000: 88). Essa exclusividade causava uma forte dependência do Paraguai com relação à Argentina. Com a ascensão de Stroessner ao poder as políticas de aproximação diplomática com o Brasil que já vinham sendo negociadas desde a década de 1940 foram agilizadas como uma forma de diversificar possibilidades e diminuir a dependência do país de apenas um vizinho. Para o Brasil essa aproximação também era interessante, dado que durante o período a indústria

⁷ As unidades federativas da República do Paraguai são denominadas “Departamentos”.

nacional crescera e a possibilidade de comercializar produtos com o Paraguai era atraente. Tendo cada uma das partes seus interesses, várias negociações e acordos se sucederam para que, de um lado, o Paraguai tivesse uma nova porta de entrada e saída de produtos e, de outro, o Brasil garantisse um novo mercado para produtos da sua indústria (Moraes, *idem*: 95).

Para consolidar o plano de desenvolvimento do Paraguai e das vendas de produtos brasileiros sucessivos acordos foram firmados entre os dois governos. Eles podem ser divididos em três tipos. O primeiro destinou-se à construção de rodovias de ligação entre a capital Assunção passando pela região do Rio Paraná na fronteira com o Brasil até portos brasileiros, especialmente Paranaguá (PR). O corredor de rodovias que ligassem os dois países foi construído seqüencialmente entre 1954 e 1969 da seguinte maneira: construção da rodovia que ligava Assunção a Oviedo Porto e posteriormente Oviedo Porto a Presidente Franco (região do Alto Paraná), em 1954; a fundação de Puerto Presidente Stroessner, em 1957; a inauguração da Ponte da Amizade, em 1965; a reconstrução da BR 277 que ligava Foz do Iguaçu a Paranaguá, em 1969.

O segundo tipo de acordos firmados entre os dois países tinha como objetivo primordial incrementar as atividades comerciais. Assinaram, em 1956, o “Convênio de Comércio Fronteiriço” com o objetivo de legalizar o intercâmbio comercial realizado na fronteira e o “Tratado Geral de Comércio e Investimento” que estabeleceu que os produtos originários de qualquer um dos dois países estariam isentos de impostos para serem importados ou exportados (Moraes *ibidem*: 98). Nos anos 1970, o Governo paraguaio lançou várias outras normativas direcionadas a incentivar o comércio de re-exportação favorecendo o crescimento da então Ciudad Presidente Stroessner pela sua localização em uma fronteira. Impostos e taxas como o Imposto de Valor Agregado, Imposto Seletivo ao Consumo e Imposto de Renda eram abatidos dos produtos importados vendidos aos turistas. Mais de 10% do valor dos produtos que se converteriam em impostos eram abatidos do preço de venda.

Houve uma dificuldade por parte dos próprios técnicos do Governo em compreender o “status” dessa série de medidas econômicas tomadas para incentivar o comércio que tanto beneficiou essa cidade de fronteira. Por fim, ficou consensualmente conhecido como “Regime Especial de Turismo” (Rabossi, *idem*: 18).

Por último, a terceira modalidade de acordos firmados visava facilitar a circulação de cidadãos de ambos os países no território de seu vizinho, para estimular o crescimento por meio do turismo. Em 1958, os governos brasileiro e paraguaio firmaram o “Convênio de Turismo e Trânsito” que eliminou a necessidade de passaportes para os naturais dos países signatários que permanecessem no outro por até 60 dias (Moraes, *ibidem*: 98). Todas essas medidas fizeram com que cada vez mais a cidade paraguaia se tornasse um centro comercial e gradativamente se tornasse direcionada às conveniências dos brasileiros seu maior público. Alguns chegam a mencionar ter havido uma transformação “à brasileira” do comércio da cidade entre as décadas de 70 e 80. Um dos informantes de Rabossi (*idem* 85-86) compara suas experiências como guia turístico de brasileiros na cidade paraguaia e demonstra como ocorreram mudanças no decorrer dos anos. Sua primeira experiência foi entre 1977 e 1981, quando suas excursões eram feitas à noite e os turistas iam ao Paraguai com objetivo de visitar cassinos e demais atrações da vida noturna. O comércio da cidade funcionava no horário para aproveitar as visitas dos turistas. Em sua segunda experiência como guia, em 1987, percebeu que teria de mudar para o dia suas visitas, dado que as lojas passaram a funcionar durante o dia, encerrado suas atividades às 18h, para se adaptar à nova demanda de “compristas” que iam à cidade apenas com interesse de adquirir produtos importados a preços mais baratos e revendê-los em suas cidades de origem.

O ápice do comércio de Ciudad del Este se deu exatamente nesse período da década de 1980 até a metade dos anos 1990 quando tornou-se um dos maiores centros comerciais do mundo, ficando atrás apenas de Hong Kong e Miami (Rabossi, *idem* 7; Moraes, *idem* 99). São

comercializados até os dias de hoje grande diversidade de bens de consumo tais como aparelhos eletrônicos, artefatos de informática, perfumes, roupas, bebidas alcoólicas, cigarros a preços baixos, abastecendo uma vasta região de países vizinhos, além dos que fazem fronteira com a cidade - incluindo Uruguai, Chile e países andinos como a Bolívia (Ribeiro 2005, 16). Diariamente, uma enorme quantidade de “turistas-compradores”, a maior parte brasileiros, atravessa a Ponte da Amizade para comprar mercadorias e revender em centros comerciais como a Rua 25 de Março em São Paulo ou a Feira dos Importados em Brasília, em camelôs ou de alguma outra forma que escape ao pagamento de imposto. Esses comerciantes são conhecidos no Brasil como “sacoleiros” devido às grandes sacolas em que transportam suas mercadorias. Outra denominação muito usada para se referir a eles é a de “muambeiros” por venderem mercadorias de baixa qualidade ou contrabandeadas, as “muambas”.⁸

Inter-relação entre as cidades

A noção de “espaço social transfronteiriço” (Jimenez Marcano:1996) ajuda a pensar as relações entre essas duas cidades que formam um espaço comercial. Esta pequena síntese da trajetória de ambas as cidades aponta para uma interdependência entre elas ao mesmo tempo em que cada uma possui suas peculiaridades. Além das situações e benefícios de suas atividades comerciais variarem de acordo com os ciclos econômicos e variações cambiais, há um crescimento comum e desenvolvimento de atividades complementares nas cidades. A construção de Itaipu é um dos exemplos mais claros de desenvolvimento de um projeto em comum que teve grande impacto econômico, social e ambiental em ambas as cidades. Os incentivos fiscais ao turismo de vendas de importados que melhor têm caracterizado a região nas últimas três décadas está sediado em Ciudad del Este, porém proporcionou o

⁸ Os termos utilizados para denominar os compradores que vão à cidade são discutidos em Rabossi (idem: 54-55).

aproveitamento por parte do lado brasileiro para recepção e acomodação do grande número de pessoas que têm se dirigido diariamente para lá fazer compras, por exemplo. É um espaço urbano único e internacional, separados por um rio e ligados por uma ponte, interdependentes e com suas idiossincrasias. Essa intimidade de relações faz com que possa-se considerá-las juntas um espaço comercial, uma transfronteira cujas atividades desenvolvidas direcionadas especialmente ao comércio se desenvolvam conjuntamente.

Um outro fator de fundamental importância que caracteriza o espaço comercial de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este é a presença de imigrantes de várias partes do mundo. A área reúne, além das pessoas originárias dos três países que se encontram nessa região, vários outros segmentos étnicos. Esta diversidade é clara no âmbito das dinâmicas comerciais de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este e aparece em diversos elementos: música, comida, língua falada e, até mesmo, escrita em propagandas. Em adição a brasileiros, argentinos e paraguaios, tem-se asiáticos e árabes que ali também se instalaram, atraídos exatamente pelo potencial comercial⁹. Por sua vez, os asiáticos se subdividem ainda em chineses, taiwaneses e coreanos (além de minorias advindas de outros países vizinhos a estes); enquanto os árabes se dividem em libaneses, sírios, palestinos e também representantes, em menor escala, de outros países do Oriente Médio.

CONFLITOS POLÍTICOS E CRISES ECONÔMICAS HISTÓRICAS NOS PAÍSES DE ORIGEM QUE CAUSAM INSTABILIDADES E SÃO UM DOS MOTIVADORES PARA A MIGRAÇÃO

Conforme a tendência encontrada em toda a América, a “construção” da sociedade brasileira atual se deu pela vinda de várias correntes migratórias, em diversos momentos e de

⁹ O grupo de asiáticos veio para a fronteira no momento em que o local passou a ser um centro comercial mais independente e a receber mercadorias vindas diretamente da China, maior centro distribuidor mundial dos produtos comercializados em centros populares. Anteriormente, Ciudad del Este era abastecida por Miami e não possuía contato tão direto com os asiáticos, vide Rabossi, 2005:12.

múltiplas origens. As correntes migratórias de árabes se encontram nesse complexo contexto de vindas de migrantes de várias outras procedências, como os portugueses, italianos, japoneses, alemães, dentre outras datadas do final do século XIX adentrando o século XX. Até então, o povoamento do território brasileiro se deu pela vinda de colonos, em sua maioria portugueses, pela importação de escravos originários da África e pela incorporação de indígenas. A principal característica desses grupos migrantes é a relação que a sua vinda em massa tem com o fim do sistema escravagista. Tanto o governo quanto a iniciativa privada, em especial os fazendeiros produtores de café, financiaram a vinda de alguns grupos de europeus como mão-de-obra que substituísse os escravos após as restrições às importações de escravos africanos que culminaram com a abolição da escravatura em 1888. Existem traços gerais que servem para esses grupos migratórios tais como a tentativa de “fazer a vida” em um outro lugar que não o seu de origem, em busca de novas oportunidades. Porém não se pode negar a existência de especificidades dos diversos grupos e são essas que interessam aqui. A imigração árabe para o Brasil, especialmente de sírios e libaneses, é considerada espontânea pelo fato de não haver agenciamento de empresas envolvidas no processo desde seu início mais significativo no final do século XIX. A maior parte dos migrantes que vieram tinham o objetivo de acúmulo de capital rápido seguido de retorno ao seu país de origem. Por isso, em princípio, não era comum encontrar famílias se estabelecendo no Brasil e sim indivíduos do sexo masculino (Truzzi 1999:318 apud Espínola 2005:62).

A intenção de rápido acúmulo de capital seguido de retorno serviu como grande incentivo para propiciar o aparecimento de uma das principais características do grupo árabe, a dedicação ao comércio. Ainda segundo Truzzi (idem) a maior parte da população imigrante estava vinculada a atividades rurais em seus países. Porém fatores como a diferença de sistemas de lavoura e a falta de recursos financeiros para adquirirem suas próprias terras propiciaram a busca por uma outra atividade que melhor possibilitasse alcançar seus

objetivos. A dedicação ao comércio, atividade autônoma, especialmente por meio da mascateação, foi a solução encontrada. Mott (2000 apud Espínola 2005) afirma que a mascateação não era atividade exclusiva dos árabes, porém estes a caracterizaram de maneira original: “A novidade foi o sistema de crédito e da barganha, buscando a alta rotatividade nos estoques, inauguração do sistema de liquidações, reinvestimento no próprio negócio e dedicação maior às necessidades dos consumidores” (Espínola, idem: 63).

A região do Oriente Médio na qual se localiza hoje o Líbano, até o início do século XX não possuía um território delimitado nem independência política, era parte do Império Turco Otomano e conflitos e disputas territoriais eram comuns. Além disso, a diversidade religiosa sempre foi grande, com números equilibrados de Cristãos e Muçulmanos (subdivididos em vertentes religiosas menores). Essa multiplicidade de vertentes religiosas também contribuía para constantes tensões. Por conta dessas instabilidades, sem contar os fatores de ordem econômica, a diáspora da população em momentos críticos do século XIX até o século XXI foram intensas.

O quadro a seguir foi extraído da pesquisa de Gattaz (2005) que procurou fazer uma reconstrução histórica da emigração libanesa de 1880 até o ano 2000. Ele subdivide a migração do grupo em quatro grandes períodos de maior intensidade, contextualizando-os historicamente, apontando os principais grupos migrantes e as motivações principais e secundárias da maior parte deles.

Quadro 1

As quatro fases da Emigração libanesa entre 1880 e 2000

Fase 1: domínio otomano (1880-1920)

Caracterizada pela emigração de cristãos descontentes com o domínio otomano e com a falta de perspectivas econômicas devido à relação entre alta densidade demográfica,

baixa urbanização, industrialização quase nula e agricultura deficiente; movimento reforçado pela ambição de riqueza fácil a ser alcançada na *América* – o que de fato foi obtido por grande parte desses pioneiros.

Principais grupos migrantes: população rural (cristãos) do Monte Líbano, de Zahle, do Vale do Bekaa e do Sul do Líbano.

Motivações principais: necessidades econômicas das populações rurais; oposição ao domínio otomano; desejo de enriquecimento dos pioneiros).

Motivações secundárias: acompanhamento de pais, irmãos mais velhos ou cônjuges (crianças e mulheres).

Fase 2: entre-guerras (1920 – 1940)

Marcada pela emigração de cristãos e muçulmanos buscando melhores perspectivas econômicas e descontentes com a nova configuração do Estado libanês após o término da Primeira Guerra; ainda desempenha papel importante o desejo de enriquecimento rápido, porém isso já não é assegurado àqueles que vêm trabalhar como mascates no Brasil.

Principais grupos migrantes: população rural (cristãos e muçulmanos) do Monte Líbano, do Vale do Bekaa e do Sul do Líbano; cristãos de Zahle, Beirute, Trípoli e cidades do Sul.

Motivações principais: falta de perspectivas para os setores urbanos da população; necessidades econômicas da população rural.

Motivações secundárias: ambição pessoal/desejo de enriquecimentos; acompanhamento de pais, irmãos ou cônjuges; oposição ao domínio francês.

Fase 3: Líbano independente (1943-1975)

Caracterizada pela saída de cristãos e muçulmanos, sobretudo de origem urbana, que se deparam com a falta de oportunidade profissional; acentuada pela depressão econômica posterior à Segunda Guerra e pelos conflitos de origem religiosa e política que ameaçam a integridade do país a partir de 1958.

Principais grupos migrantes: muçulmanos e cristãos de Zahle, Beirute, Trípoli e cidades do Sul; a população rural do Monte Líbano, do Vale do Bekaa e do Sul do Líbano; nesta época há um aumento significativo na proporção dos muçulmanos emigrantes, tanto de origem urbana como rural.

Motivações principais: falta de perspectivas econômicas para a população urbana; conflitos sectários.

Motivações secundárias: acompanhamento de pais, irmãos mais velhos ou cônjuges (crianças e mulheres)

Fase 4: Guerra do Líbano (1975-2000)

Motivada pelo conflito militar que estalou a partir do início da década de 1970 e suas decorrências: insegurança e medo generalizados; queda da atividade econômica com conseqüente desemprego; perseguições políticas e sectárias, busca de nacionalidade

brasileira.

Principais grupos migrantes: muçulmanos sunitas e xiitas do Vale do Bekaa e do sul do Líbano; cristãos do Monte Líbano, Beirute e cidades do norte do país.

Motivações principais: falta de perspectivas econômicas devido à duração e intensidade da guerra; fuga temporária da guerra propriamente devido a atentados, bombardeios etc.

Motivações secundárias: busca de nacionalidade estrangeira; acompanhamento de pais, irmãos mais velhos ou cônjuges (crianças e mulheres).

Fonte: Gattaz (2005)

O grupo de países de destino desses libaneses inclui Estados Unidos, Argentina, Canadá e Brasil, porém o maior número se dirigiu a esse último. Ainda de acordo com Gattaz hoje existem, em números absolutos, mais libaneses e descendentes no Brasil do que no próprio Líbano. Apesar de não ter havido exatamente um incentivo oficial do governo brasileiro ou dos grandes fazendeiros do século XIX, como ocorreu com relação a migrantes europeus, com custeio de transporte e empregos garantidos na lavoura, os libaneses que aqui chegaram não encontraram dificuldades para entrar no país. Enquanto em outros países aos quais se destinaram, como os EUA, por exemplo, desde o final do século XIX já havia uma forte restrição à entrada de estrangeiros, no Brasil somente em 1934 foi oficializada a primeira política de controle da entrada de imigrantes. Como vimos, os árabes encontraram no campo das atividades comerciais um locus potencial de oportunidades e começaram a se dedicar a elas, inicialmente como mascates que levavam seus produtos até a casa dos clientes, tanto nas cidades como nas fazendas mais distantes no interior. Com o passar do tempo, foram desenvolvendo seus negócios, abrindo lojas, indústrias e se inserindo definitivamente na sociedade brasileira. O sucesso de alguns foi incentivando a vinda de outros mais e o estabelecimento de famílias inteiras aqui. Gerações de descendentes também tornaram possível o contínuo crescimento da colônia libanesa no Brasil.

A marcante vocação comercial, ainda segundo Truzzi (1999 apud Espínola 2005: 63), permitiu a entrada desses imigrantes pelo interior do país. A maior concentração sempre esteve no estado de São Paulo, especialmente na capital, mas a presença árabe é muito forte em todo país, em estados como Minas Gerais e Goiás, por exemplo. A mobilidade social desses migrantes tem levado da posição de mascates a doutores (Truzzi, *idem*).

O SEGMENTO LIBANÊS EM FOZ DO IGUAÇU E CIUDAD DEL ESTE

O segmento libanês é um dos mais evidentes e representativos no contexto social de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, tanto pelo vínculo que tem com o crescimento e desenvolvimento do espaço comercial da região, quanto pelo seu tamanho e pela forte relação que estabelece com seu país de origem e com outros do Oriente Médio. Para que seja melhor explorado nos capítulos seguintes as formas de (re)afirmação e (re) construção identitária do grupo, faz-se necessária a apresentação de um breve histórico e de algumas características importantes dessa comunidade.

Os primeiros libaneses chegaram no lado brasileiro e somente anos mais tarde estabeleceram seus comércios no Paraguai. Não existem dados oficiais ou uma certeza a respeito da data exata de chegada dos primeiros imigrantes dessa origem na cidade. Porém, especula-se e a literatura reconhece a vinda dos primeiros mascates por volta da década de 1940 e 1950 vendendo produtos aos militares que habitavam a região. A quantidade maior veio, de fato, após os acordos firmados entre os governos para a construção da Ponte da Amizade. Estavam interessados em vender produtos brasileiros no Paraguai, no início dos anos 1960. Muitos mascates que rondavam o interior de São Paulo e do Paraná estenderam suas viagens para as proximidades da fronteira e vendo o potencial de crescimento da cidade começaram a estabelecer lojas fixas na região.

A comunidade reconhece, especialmente alguns de seus líderes, B. como filho do primeiro mascate libanês que chegou à região em 1950. B. é um senhor de 77 anos de idade que chegou ao Brasil em 1961 trabalhou inicialmente com seu pai, depois estabeleceu seu próprio comércio, uma exportadora que mantém até hoje. Foi o único vereador da cidade de origem libanesa. Após conversar com o presidente da mesquita sunita e com alguns outros comerciantes libaneses, me recomendaram conversar com esse senhor, pois seria o mais indicado para me dar informações acerca da história da comunidade. A entrevista que realizei com ele se mostrou rica para compreender parte da história da colônia libanesa a respeito de sua história na região.

Os primeiros estabelecimentos de libaneses em Foz do Iguaçu eram normalmente vinculados ao setor têxtil, de conformidade à tendência de outros grupos de imigrantes da mesma origem em outras partes do Brasil (Truzzi, 1991; Gattaz, 2005). Esses dados coincidem com depoimentos de alguns dos meus entrevistados, dentre os mais antigos que até hoje atuam no setor e outros mais jovens, descendentes, que mencionavam seus pais ou avós que possuíam lojas de roupas e artigos relacionados à confecção. Após os vários incentivos governamentais paraguaios, mencionados no tópico anterior, para a entrada e revenda de produtos importados, no final da década de 60 os primeiros libaneses cruzaram a fronteira abrindo inicialmente importadoras e exportadoras dos mais diversos produtos. Segundo Rabossi (2005:9) essa é uma tendência de outras fronteiras da América Latina:

Alguns árabes que chegaram na América Latina e procuraram as oportunidades abertas no comércio, instalaram-se em diversas cidades fronteiriças como Chuí e Foz do Iguaçu no Brasil; Encarnación e Ciudad del Este no Paraguai, ou Maicao na fronteira entre Colômbia e Venezuela. Nas cidades brasileiras mencionadas, vamos encontrá-los vendendo a produção brasileira. Nos outros casos, vão aparecer vendendo produtos importados. A combinação de ambos os fluxos é precisamente o que distingue Foz do Iguaçu/ Ciudad del Este e o que forneceu o grande atrativo para os imigrantes árabes que continuaram chegando à América Latina na década de 70 e 80.

Um traço importante de vários fluxos migratórios nas mais diversas partes do mundo é a constituição de “redes sociais” que têm a função de ligar o país, em alguns casos até a região, de origem dos migrantes com o país e a região em que se estabelecem. A informação de B. que diz respeito à maioria dos libaneses que habitam a fronteira desde a década de cinquenta até os dias atuais serem nascidos ou descendentes de migrantes vindos das vilas Baaloul e Lala no Vale do Bekaa coincide com as observações que pude fazer. Ambas as vilas, muito próximas uma da outra, estão em uma região do Líbano de maioria muçulmana em que habitam populações tanto Xiitas como Sunitas¹⁰. Dos meus 17 entrevistados, donos de comércio de origem libanesa, 14 tinham suas origens nessas vilas e vários ainda tinham parentes que ainda moravam lá ou que já haviam residido no Brasil e depois retornado. Das três exceções do grupo, dois eram originários de cidades do norte do Líbano de maioria cristã. Um era Maronita da cidade de Kobayate e o outro Ortodoxo de Akar; a terceira entrevistada era uma senhora Xiita nascida em uma pequena vila no Sul do Líbano. Do grupo majoritário pude ouvir algumas histórias de famílias que se conheceram no Líbano, vieram separadas para o Brasil e se reencontraram anos mais tarde em Foz do Iguaçu, após alguns anos terem circulado pelo interior de São Paulo e do Paraná, bem como as tradicionais histórias de vinda primeiramente de um membro da família e posteriormente de irmãos, primos e amigos, dentre outros.

Não é possível afirmar com toda segurança que as pessoas por mim entrevistadas ou com quem tive contato correspondem fielmente à realidade de todos os libaneses que vivem hoje na região. Mas a maioria de origem dessas vilas é nítida e permite perceber em parte como as redes sociais de migrantes se formam no grupo pesquisado. Segundo Portes e Rumbaudt (1990), a característica de formação de redes sociais entre migrantes trabalhadores e empreendedores nos Estados Unidos se demonstra semelhante a grupo analisado nessa

¹⁰ Xiitas e Sunitas são duas das principais subdivisões da religião muçulmana.

pesquisa analisado. Tilly (1990 apud Martes, 1999: 91) demonstra como os movimentos migratórios são formados por redes sociais em que há inicialmente um apoio tanto no país de origem quanto no de chegada de conhecidos, amigos e parentes que tornam possível o projeto de migrar. Desde o apoio financeiro para a realização da viagem, passando por hospedagem nos primeiros meses, até contatos de oportunidades de emprego ou contratação de patrícios como funcionários são atividades realizadas por essas redes sociais. Em última instância, portanto, os relatos de “coincidência” de origem do grupo pesquisado nesse trabalho podem ser considerados fruto da formação de redes sociais no fluxo migratório para Foz do Iguaçu.

O terceiro ponto levantado por B. de extrema relevância para compreensão dessa comunidade é a religião. A maior parte de seus integrantes são de religião ou tradição muçulmana. A região do Líbano de onde advêm são de maioria religiosa islâmica e isso se reflete diretamente na comunidade da fronteira. Estima-se que 95% são muçulmanos sendo a maior parte deles xiitas (Rabossi, 2005: 15; Silva, 2006: 7). Foz do Iguaçu possui duas mesquitas, ambas localizadas no bairro Jardim Central, onde reside a maior parte dos libaneses que atuam no comércio brasileiro e paraguaio. O “Centro Cultural Islâmico” ou mesquita “Omar Ibn Al-Khatab”, inaugurada em 1983, é freqüentada pelos sunitas e a “Sociedade Beneficente Islâmica”, pelos xiitas.¹¹ Apesar da comunidade sunita ser menor, sua mesquita é maior e construída em moldes tradicionais e, segundo alguns diretores da mesma, foi por muitos anos a maior da América Latina. É o quinto ponto turístico mais visitado de Foz do Iguaçu (Foz do Iguaçu, 2006). Já a mesquita xiita é localizada em um prédio comercial e não tem a mesma notoriedade na cidade que a sunita. Em Ciudad del Este encontra-se a mesquita Profeta Mohammad inaugurada no meio dos anos 90. localiza-se em algumas salas de um edifício comercial a algumas quadras do microcentro. Foi construída por iniciativa de um comerciante local e possui caráter mais privado e individual (Rabossi, 2005:15). Segundo

¹¹ Maiores detalhes sobre a institucionalização das duas mesquitas e dos vínculos de seus membros com eventos e instituições do Oriente Médio constarão no 3º capítulo.

alguns de meus interlocutores essa mesquita é geralmente freqüentada pelos donos de comércio na cidade que não têm tempo de voltar à Foz para fazer as orações diárias e, especialmente às sextas-feiras no horário do almoço, para a oração obrigatória da semana. Esse ponto referente à maioria religiosa muçulmana possui uma íntima relação com os hábitos e tradições diferenciadas dos libaneses nessa fronteira que contribui para seu distanciamento da população local e dos outros grupos étnicos que habitam a mesma região. O segundo capítulo do trabalho irá explorar melhor esse tema.

A DINÂMICA COMERCIAL E OS ESTEREÓTIPOS A RESPEITO DA TRANSFRONTEIRA E DA COMUNIDADE NA REGIÃO.

Estereótipos são o que de mais freqüente se associa ao comércio desta fronteira. Criam-se “visões de um lugar maldito”, no dizer de Rabossi (2004: 21-29). É um local sobre o qual se diz concentrar a maior parte dos problemas relacionados a ilícitos internacionais da atualidade tais como contrabando, lavagem de dinheiro, tráfico de pessoas, tráfico de drogas, pirataria, máfias internacionais, prostituição infantil, financiamento de atividades terroristas internacionais e vários outros. Termos pesados como “terra sem lei” ou “ânus do mundo” já foram usados para definir o local. Especialmente no trabalho de Ortíz (2003), que enfoca as imagens da Tríplice Fronteira veiculadas mídia, vemos a intensidade da propaganda negativa sobre Ciudad del Este. Rabossi (idem) faz uma importante observação: defende que um trabalho acadêmico que envolva pesquisa de campo, que considere o ponto de vista dos atores e que busque uma compreensão de dentro do comércio daquela área permite a percepção de que essas visões são apenas uma faceta de uma dinâmica muito mais complexa.

De todas as suspeitas que caracterizam este “lugar maldito” as mais graves que remetem imediatamente à colônia árabe, no senso comum e na mídia, são as relativas ao

envolvimento com atividades terroristas internacionais. Essas suspeitas são antigas, porém vieram a um plano de destaque muito maior após os atentados de 11 de setembro de 2001. A partir desse momento o governo norte-americano declarou o combate ao terrorismo como prioritário em sua agenda internacional. A área da Tríplice Fronteira, por conter uma importante concentração de imigrantes de origem árabe muçulmana e por vincular-se a atividades comerciais com grande rentabilidade financeira, passou a ser automaticamente tomada como suspeita de ter ligações (especialmente de financiamento) com o terrorismo internacional. Porém, nunca ficou comprovada, de fato, uma relação desses imigrantes com esse tipo de atividade.

Quem se propõe a pesquisar e refletir sobre a comunidade árabe, ainda mais nessa região, de acordo com Rabossi (2005), parece estar diante de um dilema semelhante ao de Hamlet: “São ou não são terroristas? Eis a questão...”. Talvez essa nem seja a questão central ou até mesmo a mais relevante para uma descrição densa ou ao menos condizente com a realidade dos agentes que vivem na fronteira. Ciudad del Este é uma cidade que se desenvolveu voltada para o comércio e, apesar dos momentos de crise que passou, é este que a mantém até os dias de hoje. A chegada de imigrantes árabes à fronteira, desde o princípio, se deu pela atração das oportunidades de comércio geradas após a construção da Ponte da Amizade. Migrantes, que já haviam circulado por outras regiões do Brasil tais como São Paulo e interior do Paraná, dirigiram-se para a fronteira “mascateando”¹², como é tradicional na inserção dos nacionais deste grupo no Brasil, e, posteriormente, estabeleceram ali seus comércios. Uma análise sobre esses imigrantes e seus descendentes que enfoque a sua atuação dentro do contexto do comércio etnicamente segmentado certamente é uma forma mais

¹² O mito fundador do mascate tem grande valor para as comunidades árabes espalhadas por todo Brasil. Os primeiros imigrantes originários de países do Oriente Médio que chegaram ao país exerciam atividades comerciais e grande parte iniciou seus negócios trabalhando como vendedores ambulantes, ou, mascates. (Truzzi, 1991: 23; 40-47)

relevante de abordagem sobre o grupo, baseada em dados concretos e não apenas em suposições como no caso da participação em atividades terroristas.

“Longe de confirmar as suspeitas sobre terrorismo, a importância de destacar essas presenças e essas dinâmicas é simplesmente localizar Foz do Iguaçu e Ciudad del Este como lugares que formam parte, por um lado, da diáspora libanesa e árabe em termos gerais e, por outro lado, um espaço transnacional no qual a diáspora foi-se inscrevendo.” (Rabossi 2005,19)

Para o presente trabalho que foca na segmentação étnica e na reafirmação de identidade da comunidade na região, as suspeitas de compactuação com atividades terroristas são importantes apenas na medida em que apareçam nos discursos desses imigrantes. Não se pretende verificar se participam ou não de atividades terroristas e sim, caso se faça necessário, analisar o que pensam sobre o fato de haver suspeitas sobre eles.

Todos esses aspectos sobre o espaço comercial transfronteiriço aqui apresentados, tais como o fato de ser ponto estratégico limítrofe de três países, banhado por uma grande bacia hidrográfica com elevado potencial turístico e energético, abrigo do terceiro maior centro comercial popular do mundo, foco de suspeitas de crimes bárbaros da contemporaneidade etc, são fundamentais para um estudo sobre a área. Para se pensar a Tríplice Fronteira, ou um recorte específico sobre ela, conforme proposto nesta pesquisa, esses são fatores que devem ser levados em consideração. No decorrer do trabalho relacionarei a teoria da segmentação étnica do mercado de trabalho, adaptando-a a uma situação de segmentação étnica específica, para pensar A reafirmação identitária do grupo no espaço comercial da região.

CAPÍTULO 2-

A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE E PROCESSOS INTERNOS DE (RE) AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA

O intuito desse capítulo é demonstrar e refletir acerca de alguns mecanismos usados para a criação de uma comunidade que mantém tradições do país de origem no contexto social em que migrantes e descendentes habitam. O fato de viverem em uma fronteira sul-americana etnicamente segmentada estimula processos internos à população migrante necessários para que em algumas ocasiões se unam em referenciais comuns que permitam a concepção de que são um grupo em meio a outros. A convivência com o diferente por parte dos migrantes de primeira geração, assim como uma maior facilidade de aproximação com o país em que efetivamente nasceram e tiveram sua primeira socialização para aqueles de segunda e terceira geração, trazem a necessidade de símbolos, instituições e ações que permitam aos atores perceberem-se portadores de semelhanças.

Três pontos serão levantados como centrais para essa construção. Inicialmente, a dissociação de outros grupos presentes na fronteira, especialmente brasileiros e paraguaios, por meio da religião muçulmana. Em seguida, abordar-se-á o interesse que os migrantes mais antigos têm em manter as tradições de suas origens perante seus filhos e netos já nascidos nas Américas ou que para cá migraram muito jovens. Por último, as viagens ao Líbano de (re)conhecimento, realizadas de maneiras diversas por famílias a quem isso é possível, como uma forma de conexão entre o lugar em que estão e aquele onde se encontram suas “raízes”.

A MAIORIA MUÇULMANA;

" O Islam se assenta sobre pilares.

*O **primeiro** de todos é darmos testemunho de que não há outra divindade além de Deus, e que Mohammad é seu Mensageiro; o **segundo** é praticarmos as orações; o **terceiro** é pagarmos o tributo social (zakat), o **quarto** é peregrinarmos a Casa de Deus (em Makka) e o **quinto** é jejuarmos no mês de Ramadan"*

(Relatado por Bukhairi e Muslim)

O fato da maior parte dos libaneses ser de família ou tradição muçulmana, ou seja, uma religião que não corresponde à da maioria da população do país em que estão residindo, faz com que sintam-se diferentes e sejam vistos como diferentes. Importante salientar que designo Tradição - e não Religião - Muçulmana em virtude de depoimentos da maioria dos entrevistados, que afirmaram não seguirem, necessariamente, todos os preceitos do islã e se considerarem, em algumas perspectivas, "não praticantes". De outro lado, é tarefa complexa, e potencialmente imprecisa, definir o que é exatamente seguir a religião muçulmana. Ir à Mesquita? Crer nos pilares da fé muçulmana? Cumprir as obrigações dos fiéis? Não comer carne suína? Difícil responder. Grande parte dos interlocutores participantes da pesquisa de campo se definiram como de "família e tradição muçulmana", porém não como muçulmanos. Exatamente por não cumprirem alguns dos preceitos islâmicos, considerados por eles próprios como indispensáveis para se sentirem de fato muçulmanos.

Importante lembrar outros elementos que são específicos do segmento libanês e que não necessariamente os fazem sentir tão diferentes quanto o aspecto religioso. Citemos, por exemplo, o idioma e a culinária. A questão do idioma é central, provavelmente em virtude de terem de aprender a língua portuguesa e o espanhol, ou mesmo o guarani, para atingirem progressos econômicos no exercício do ofício que atuam, em grande escala, na fronteira, qual

seja, o comércio. O conhecimento do idioma local é ferramenta importante, podemos até dizer indispensável, para a atividade que exercem. Existem atividades em que imigrantes atuam que não dependem tanto do idioma para se desenvolverem, como é o caso de brasileiras que exercem trabalho de faxineiras nos Estados Unidos (Fleischer, 2002). No caso dessas mulheres, a intermediação e o contato com suas patroas norte-americanas são feitos por outros brasileiros que lá já estão há algum tempo e que têm um domínio mais profundo do inglês. Para desenvolverem suas atividades de limpeza não necessitam tanto da comunicação verbal. No entanto, para os libaneses, o lidar com clientes, ou mesmo com funcionários que façam a intermediação e realizem as vendas, exige o mínimo conhecimento do idioma local, já que a atividade depende de diálogo para ser realizada.

No início da colonização libanesa no Brasil, inclusive na área de Foz de Iguaçu e Ciudad Del Este, a maior parte dos comerciantes atuava como vendedores ambulantes, não havendo a necessidade de dominar a língua portuguesa profundamente. Ainda assim, procuravam os libaneses aprender o idioma o mais rápido possível, para que pudessem negociar e vender seus produtos com mais facilidade e agilidade. Aqueles que foram bem sucedidos, e que vieram a montar seus próprios pequenos negócios, passaram a depender ainda mais do conhecimento do novo idioma. A tendência da necessidade de conhecimento da língua portuguesa tende a crescer quando se trata de lojas de atacado e indústrias, à medida que os negócios prosperam, caso ocorrido com vários empresários.

Aqueles que chegaram em um momento que vários outros libaneses já estavam na América há um tempo razoável, podendo dar-lhes um suporte inicial, inclusive empregando-os em seus estabelecimentos comerciais, precisaram também aprender o idioma de forma que conseguissem adquirir independência, seja montando, em um segundo momento, seus próprios comércios, seja tornando-se melhores vendedores ou alcançando cargos mais altos dentro da empresa.

O idioma árabe, muito diferente do português, tanto em sua fonética quanto em sua grafia, ainda é muito utilizado pela maioria dos libaneses e por seus descendentes, especialmente em âmbito privado e quando conversam entre si e não têm a necessidade ou mesmo não querem que outros compreendam o que estão falando. Mas a necessidade de saber a língua do país que os recebe torna possível o diálogo e não os obriga a se fecharem em virtude desta barreira, como ocorre com a religião, muito menos flexível que o idioma.

No que tange à culinária, ainda que os hábitos alimentares sejam diversos dos brasileiros e dos paraguaios, não é fator que enseje grande dificuldade de modificação e adaptação, em especial se comparado às questões religiosas. Vários são os restaurantes da cidade que servem pratos da culinária árabe, sejam eles específicos ou variados. E estes estabelecimentos nem sempre pertencem a originários do Oriente Médio.

Em uma área tão diversa e com pessoas provenientes de tantas partes do mundo, a culinária local é um dos pontos que torna evidente a diversidade e propicia interação entre os vários segmentos lá presentes. Dentre os funcionários brasileiros entrevistados que trabalham em comércios de libaneses, e pessoas com quem fora possível conversar informalmente, foi possível perceber que a culinária, ao contrário da religião, é um dos universos que aproxima libaneses e brasileiros. Conhecer, ensinar e oferecer pratos diferenciados, mesmo exóticos, é prática considerada interessante e que traz uma oportunidade de demonstrar cordialidade para com o “outro”. O comentário da brasileira M.C., esposa de um empresário da área imobiliária que mantém muitos negócios com uma família de libaneses xiitas proprietários de um açougue e restaurante árabe muito freqüentado por libaneses, demonstra essa percepção: *“Nos dias do Ramadã eles sempre se reúnem, vários deles, no açougue de noite para comer. É tanta comida, tanta comida e eles partilham, dividem com quem passar por lá. Da última vez que fomos lá comemos coisas deliciosas”*(M.C)

Em outras situações envolvendo migrantes muçulmanos a religião tem sido “uma estratégia para manutenção identitária” (Espínola, 2005: 74-75), apesar de nos primeiros anos dessa imigração isso não ter acontecido. Em Foz do Iguaçu, a religião certamente é assim usada. A Mesquita é evidente, inclusive se destacando como ponto turístico, bem como os libaneses e outros árabes se concentram em bairros de comércio e de moradia. É comum a circulação de mulheres com o ‘lenço’ na cidade, apesar da maioria das entrevistadas não usá-lo. Entre eles, os libaneses falam árabe costumeiramente e usam essa estratégia, como sabemos, quando não querem que outros os entendam. Muitos dos entrevistados argumentam terem ido e/ou estarem na Região da Tríplice Fronteira por terem oportunidade de conviver com outros semelhantes, bem como por haver espaço, liberdade, para exercerem suas práticas religiosas.

A institucionalização de entidades árabes e especificamente muçulmanas na região é antiga e demonstra como os libaneses não optaram por manter em âmbito privado o exercício de sua reafirmação identitária. O grupo pesquisado de Espínola (idem) em Florianópolis optou por manter o exercício de sua religiosidade internamente às suas casas e em reuniões de naturais de seus países seguidores da religião islâmica. Prova disso é que a mesquita, melhor dizendo, o centro islâmico que possui algumas salas onde são realizadas orações é localizado no centro da cidade foi inaugurado por brasileiros convertidos ao islã. Somente mais tarde libaneses e palestinos dessa religião passaram a freqüentá-lo. Já o grupo de palestinos islâmicos pesquisado por Jardim (2003) na fronteira Brasil-Uruguai Chuí-Xuí, não usa a singularidade religiosa para exaltar a existência de uma coletividade distinta. A religião muçulmana apenas fornece alguns elementos para a criação de uma “comunidade” de palestinos do Sul, porém optam por outros recursos e estratégias para se reafirmarem. Em Foz do Iguaçu e, posteriormente, em Ciudad Del Este, ao contrário, foram fundadas mais de uma instituição e sociedades islâmicas, todas por libaneses ou originários de outros países árabes.

Alguns chegaram a contar com apoio financeiro e com a presença de representantes de países do Oriente Médio.

B: Ah, sim. Não quero dizer, mas eu fui promotor do Clube Árabe.

A: Ah...

B: A idéia foi minha, entendeu? E nós fundamos o clube e fui 2 vezes presidente do clube no inicio. E depois, com a generosidade dos países árabes muçulmanos pra ajudar as colônias islâmicas eu dei a idéia disse, vamos fundar aqui em Foz do Iguaçu uma sociedade islâmica que foi o início, foi fundada sociedade beneficente islâmica. Foi primeiro e... teve muito conflito, tem gente que não queria uma sociedade islâmica aqui, 'isso vai atrapalhar o clube árabe...', não sei quê... mas no fim

A: É mesmo? Mas não deveriam ser os brasileiros a reclamar?

B: É mesmo! No inicio eles não querem, não querem porque achavam que o clube árabe era suficiente, que não precisava da sociedade.

A: Ah, entendi

B: Então foi fundado o Sociedade Beneficente Islâmica. Parece assim, entrou política no meio

A: Hum...

B: Tem gente que estava contra a fundação de uma sociedade islâmica e eles depois gostaram, mas falaram: "queremos uma, mas não essa daqui" então eles fizeram outra, o Centro Cultural Beneficente Islâmico. Entendeu? Então ficou, a Sociedade Beneficente Islâmica hoje é para os irmãos Xiitas e o Centro Cultural Islâmico, onde está a Mesquita, onde o A. é presidente pros sunitas, quer dizer isso é claro, foi motivo, foi... quando em 1979, com o derrubada do Xá e o início da República Islâmica do Irã, houve uma divisão aqui, quem está pró Irã e quem está pró a linha tradicional islâmica que é liderada pela Arábia Saudita e outros governos árabes muçulmanos. Com isso houve duas entidades islâmicas.

O relato acima, mais uma vez do senhor B. comerciante residente de Foz do Iguaçu reconhecido pela comunidade como filho do primeiro migrante que chegou à região, faz uma alusão à história da institucionalização de entidades árabes e islâmicas importantes para a compreensão do processo de crescimento e expressividade do grupo. A forma como ele relata pode causar confusão se remetermos às datas exatas de inauguração de cada uma das instituições por ele citadas. Porém os objetivos da criação de cada uma, a influência dos países islâmicos em sua constituição e a opinião da comunidade sobre cada uma delas fala muito sobre a presença islâmica na fronteira.

Rabossi (2005:13-16) traz um relato cronológico do surgimento de instituições relacionadas à comunidade árabe baseado em notícias de periódicos da época. Seu estudo

permite uma compreensão maior da forma como isso se deu. A primeira instituição mencionada por B., o “Clube União Árabe”, foi inaugurado em 1962 e é considerado a primeira marca institucional da presença árabe em Foz do Iguaçu. Até então não havia oficialmente uma referência ao islã ou à religião muçulmana, porém a maioria dos árabes que residiam na região à época eram de origem libanesa e muçulmana, de acordo com os próprios relatos jornalísticos. Anos mais tarde, na década de 1970 surgiu a “Sociedade Beneficente Islâmica”. O relato de B. indicou ter gerado divergências de opinião na comunidade por ser considerada “concorrência” para o Clube União Árabe. Para a concretização da nova instituição, países islâmicos colaboraram financeiramente, o que demonstra a importância e provavelmente a relevância numérica de muçulmanos na região à essa época.

Dada essa forte influência das nações muçulmanas, momentos de divergências nos países do Oriente Médio refletiram-se diretamente na comunidade de Foz do Iguaçu e provocaram uma divisão que calhou na inauguração de uma nova sociedade islâmica, esta agora Sunita, na cidade no início da década de 1980, o “Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu”. O centro foi fundado em 1981 com o intuito de “ter uma presença fundamental na família islâmica da fronteira, tanto no que se refere aos esforços religiosos quanto educativos” (Rabossi, idem:13). O foco eram os filhos de migrantes que tiveram à sua disposição cursos da língua árabe e da religião muçulmana na então denominada Escola Ali Ben Taleb, hoje a Escola Árabe-Brasileira. Mais adiante explorarei as especificidades das escolas voltadas para jovens árabes e libaneses.

Em momentos marcantes, como 1983, quando foi lançada a pedra fundamental para a construção da Mesquita e em 1987, quando da inauguração da mesma, as cerimônias contaram com a presença de várias autoridades compareceram os embaixadores de países muçulmanos, Kwait, Iraque, Arábia Saudita, Líbia, Líbano e Liga dos Estados Árabes, além de Sheiks de outras cidades do Brasil. Os periódicos apontaram a importância dada à

instituição, reforçada por essa presença de autoridades vinculadas ao Islã, e frente ao grande número de muçulmanos que habitavam a região que variava entre dois a quatro mil (Rabossi, *ibidem*: 14).

Não é possível deixar de mencionar a Mesquita localizada em Ciudad Del Este e criada com o objetivo de atender os comerciantes que trabalham durante o dia na cidade e que preferem fazer as orações no templo. A existência de templos religiosos, a presença de autoridades em momentos marcantes para a comunidade islâmica, bem como o mencionado apoio financeiro de países do Oriente Médio mostram como o exercício da religiosidade não foi mantido em âmbito privado.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de conhecer um Pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus que liderava uma igreja destinada à conversão de árabes. A Igreja Árabe Brasileira estava instalada em Foz do Iguaçu desde 2001 com o objetivo de converter ao cristianismo a grande quantidade de “muçulmanos não praticantes” que habitam a fronteira. O Pastor disse enfrentar muita dificuldade nesse processo de conversão exatamente pelo peso que tem a “tradição muçulmana” que vai muito além de praticar ou não a religião, é uma questão familiar, de ética, de valores e de pressão da própria comunidade. “Quando fui pastor em Brasília, em um ano coloquei 200 fiéis convertidos em minha igreja, estou aqui desde 2003 e temos apenas 10 árabes batizados”, explicitou para demonstrar o peso de terem sido criados em uma tradição diferente. O número de árabes e de famílias que freqüentam os cultos ou que são “amigos” do pastor, entretanto, é muito maior, porém a “conversão total” é difícil pela “perseguição” da família e da comunidade.

O relato do Pastor, independente de ser de uma pessoa disposta a mudar convicções religiosas entre os muçulmanos, é, antes de tudo, de alguém que pensa sobre a religiosidade de muçulmanos em um país de maioria cristã e por isso tem alguma relevância para compreensão da tradição do grupo. Percebe-se, portanto, que marcas da presença árabe e

libanesa na área existem e estão fortemente atreladas à religião islâmica. Diferentemente de outros grupos de muçulmanos no Brasil, usam como estratégia de afirmação identitária a religião. Adiante veremos a importância que dão à preservação da identidade da comunidade vinculada ao islã.

PREOCUPAÇÕES COM A MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES NA SEGUNDA GERAÇÃO

“For members of the immigrant generation, spatial concentration has several positive consequences: preservation of a valued life-style, regulation of the pace of acculturation, greater social control over the young, and access to community for both moral and economic support” (Portes e Rumbaudt, 199:54)

Voltando à questão das redes sociais que se formam no país hospedeiro dos migrantes, podemos perceber claramente entre o grupo analisado que além das vantagens econômicas do comércio nessa fronteira, a grande quantidade de “patrícios” e a influência que o grupo exerce na região são fatores atrativos para a concentração de libaneses em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este.

Muitos dos entrevistados já haviam morado em outras cidades do interior do Estado do Paraná, ou mesmo tiveram pais que o fizeram e, posteriormente, optaram por vir e permanecer em Foz do Iguaçu e/ou Ciudad Del Este. Tal situação demonstra como não apenas os mascates que primeiro chegaram à região nas décadas de 50 e 60, como também as gerações mais recentes, realizaram o mesmo movimento de chegada à fronteira.

“... é bom ficar aqui. Temos amigos, temos parentes temos pessoas do nossa religión que entende e ajuda a gente”. (L.J. muçulmana xiita, 38 anos, mãe de 4 filhos - 2 nascidos no Brasil e 2 no Líbano-, esposa do dono de um dos açougues árabes da cidade.)

É possível observar que, com o passar do tempo, à medida que vão permanecendo em um país estrangeiro, os migrantes de primeira geração tendem a “perder”, em parte, elementos culturais e referências identitárias importantes de seu país de origem. Quando nos referimos à segunda geração - e às seguintes, logicamente -, a probabilidade disso acontecer é ainda maior. Muitos vieram para o Brasil ainda crianças ou muito jovens, e mal conhecem o país onde nasceram, ou mesmo já são naturais do território hospedeiro, tendo como referência do país de seus ancestrais apenas fotos, histórias contadas pelos mais velhos e outras referências que lhes são passadas. Nem sempre tiveram contato real, tão pouco uma socialização naquele lugar, para eles, distante.

Menezes (2002:6), ao estudar a segunda geração de migrantes brasileiros que residem nos Estados Unidos, a separou em três diferentes categorias. A primeira se refere aos jovens nascidos no Brasil, que viveram alguns anos em sua terra natal, tendo ali sua primeira socialização, conhecendo a língua portuguesa como único idioma por alguns anos de suas vidas. Hoje vivem em território norte-americano, porém ainda possuem memórias de seu país de origem, sendo orientados por muitos valores que adquiriram no Brasil. A segunda categoria inclui jovens também nascidos no Brasil, porém que migraram com pouca idade e, de fato, só se socializaram nos Estados Unidos. Não possuem muitas memórias do país de origem, porém, com depoimentos de pais e parentes, pela convivência com brasileiros e canais de tv, conseguem ter noções mais claras de sua origem. A terceira categoria se refere aos jovens que já nasceram nos Estados Unidos, filhos de migrantes brasileiros e que nem sempre tiveram oportunidade de visitar o país de origem de seus ascendentes. Esta categoria formulada por Menezes tem no “se sentirem americanos” uma opção mais próxima e viável em seu processo de construção de identidades. As formulações de Menezes foram importantes para, durante minha pesquisa, pensar os imigrantes de segunda geração descendentes de imigrantes libaneses que vivem na fronteira.

A grande preocupação dos pais e de lideranças da colônia é exatamente com a perda de valores e referências oriundos da terra natal dos migrantes - no caso o Líbano - por parte das gerações seguintes. Ainda que tenham consciência de que não é possível manter, completamente, valores, referências, identidades e demais marcos históricos da nação de origem, os migrantes buscam, com algumas ações e medidas, manter suas tradições e cultura, minimamente, para que, ainda que inseridos no contexto nacional brasileiro, tenham conhecimento de sua terra natal.

Fatores como a grande concentração de libaneses na região e a enorme influência do grupo no local, dentre outros, permitiram a viabilização de projetos que enfocassem a manutenção de valores e pontos culturais muito específicos de seus países. Diante apresentar-se-ão dois universos em que é possível ver essa preocupação e as iniciativas para que referenciais religiosos e da língua sejam transmitidos aos descendentes da migração. São as atividades desenvolvidas pela Mesquita e pelas escolas direcionadas à crianças árabes.

Projetos da mesquita que enfocam a 2ª geração

A constante preocupação com a manutenção da identidade libanesa, especialmente para segunda e terceira geração, com descendentes que já nasceram em território brasileiro, é perceptível e muito clara na forma como as atividades da Mesquita Sunita vêm sendo conduzidas.

“Um dos maiores problemas do islamismo é a comunicação. Quando você traz um Sheik do Oriente pra cá, os velhos acham muito gostoso, muito interessante, eles entendem o que ele fala. Mas pra nós, não é fácil, não praticamos muito, não entendemos. Então você vai na Mesquita, o número de frequentadores é relativamente pequeno” (I. um dos principais líderes reconhecidos pela comunidade, filho de migrantes libaneses nascido no interior de São Paulo e morador de Foz do Iguaçu desde o início dos anos 1980).

Até o mês de abril de 2006, a Mesquita contava apenas com um Sheik, que era libanês, morando no Brasil há alguns anos, mas que não fala o português. Isso prejudicava, significativamente, o interesse por freqüentar algumas das principais atividades e cultos realizados no templo. Isso porque a maior parte dos fiéis não tem domínio completo da língua árabe. A colocação de I. se torna pertinente nesse sentido. De acordo com os princípios da religião islâmica, as orações devem ser feitas em árabe, porém outras atividades como sermões, palestras e cursos podem ser ministrados em outra língua.

Neste ponto, faz-se necessária uma ressalva acerca da língua árabe. A norma culta e gramatical do idioma, conhecida como “árabe clássico”, difere muito da forma como é usada, costumeiramente, nas ruas pela população, conhecida como árabe popular. Tanto as orações quanto os sermões são realizados no “árabe clássico”, ou seja, o árabe tradicional, normalmente usado apenas na forma escrita, com regras gramaticais rigorosas. A língua falada pelas populações dos países árabes, conhecida como “árabe popular”, varia muito não apenas de nação para nação como também de região para região, dado que não há normas nem regras gramaticais que o direcionem. As gerações que não foram formalmente alfabetizadas no próprio Líbano, geralmente, não possuem conhecimento do “árabe clássico”, quando muito sabem o popular, este aprendido pela convivência com seus parentes próximos e amigos de mesma origem. O árabe popular é o falado correntemente entre os imigrantes em suas casas e com seus patrícios e é aquele que aprendem os jovens nascidos no Brasil, ou que mudaram muito crianças para cá. Mesmo assim é importante salientar que muitos não dominam sequer o árabe popular.

Essa diferenciação na capacidade lingüística tornou-se um agravante ainda mais sério para a compreensão do que era dito pelo Sheik, restringindo ainda mais o grupo dos que, de fato, participavam das cerimônias religiosas. Tal situação fazia com que apenas os mais antigos da comunidade compreendessem o que era dito e as reuniões na mesquita se tornavam

cada vez mais desinteressante para os jovens e mais vazias, conseqüentemente. Preocupada com esse desinteresse, a diretoria da Mesquita contratou um novo Sheik, brasileiro nascido à cidade de São Paulo/SP, descendente de libaneses e que teve sua formação religiosa na Arábia Saudita. Atualmente, somente as orações são realizadas em árabe, porém os aconselhamentos podem ser feitos em português e os sermões de sexta-feira são feitos primeiro em árabe, em seguida em português.

“Sobre atividades também, tudo está concentrado em integrar a comunidade, especialmente os jovens, que já são os nascidos aqui. Não há uma grande preocupação com aqueles que são libaneses, ou que são árabes que vivem aqui. Que vieram do Líbano, da Síria, da Jordânia, da Palestina e migraram pro Brasil, moram aqui. A preocupação é mais com os filhos deles para que eles conheçam mais as tradições muçulmanas” (Sheik Sunita).

Segundo o Sheik brasileiro, as principais atividades realizadas na mesquita hoje são: as 6 orações diárias, as aulas ou conselhos após as orações diárias, a oração de sexta-feira, o encontro de jovens sábados à noite, os campeonatos esportivos, os grupos de memorização do Alcorão para crianças e a recepção de grupos de turistas que vêm conhecer o templo.

As seis orações diárias são obrigatórias para os muçulmanos, mas não necessariamente devem ser feitas na Mesquita. Segundo o Sheik, são valorizados aqueles que se esforçam para ir até lá ao menos uma vez por dia, mas não é obrigatório, e cada um pode fazê-las individualmente, onde estiver. Os horários são disponibilizados pelo site da Mesquita¹³. Normalmente a oração mais freqüentada é a da noite, que reúne cerca de 40 fiéis. Logo após, o Sheik sempre fala por alguns minutos sobre partes do Alcorão. É o que denomina como “aulas ou conselhos”.

¹³ O calendário inclui os horários para todos os meses do ano “Para a cidade de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este - Observando o horário local”. Se dividem em seis horários com variações de alguns minutos de um dia para o outro. A primeira é a oração da “alvorada”, que varia apenas por alguns minutos entre as 4h11 e as 6h da manhã. A segunda é a oração do “nascer do sol” as 5h48 e as 7h28. A terceira é a oração do “meio dia”, variando entre 12h35 e 12h52. A quarta, a oração da “tarde” entre 15h33 e 16h24. A quinta é a oração do “crepúsculo” entre 17h53 e 19h36. E a sexta, a oração da “noite” que varia das 19h20 as 21h12, <http://www.islam.com.br/horario/horario.htm>.

A oração de sexta-feira, às treze horas, é obrigatória apenas para os homens e reúne de 150 a 200 pessoas. É realizada logo após a “oração do meio dia” e o Sheik profere um sermão mais prolongado que dura cerca de 30 minutos. O encontro dos sábados à noite, normalmente direcionado aos jovens, é aberto não apenas para os muçulmanos, mas também é voltado para aqueles que querem conhecer um pouco mais a respeito do islã. Segundo o próprio Sheik, vez ou outra, algum jovem leva amigos para conhecerem a sua religião.

As atividades desportivas, normalmente, são campeonatos de futebol realizados pela diretoria social da Mesquita no Clube Árabe da cidade. No entanto, segundo alguns entrevistados, não têm ocorrido há muito tempo. As aulas de memorização do Alcorão são oferecidas, especialmente, para as crianças, no intuito que, desde cedo, já iniciem a compreensão da religião islâmica, com seus pilares e obrigações, bem como possam conhecer as palavras do Profeta Mohamad. Por último, dado que a Mesquita é um dos pontos turísticos da cidade de Foz do Iguaçu, e desperta muita curiosidade por ser o templo religioso do segmento árabe, são recebidas centenas de turistas a cada mês. Uma média de 70 turistas por dia, sendo que há dias em que são recepcionados vários ônibus. Normalmente são alunos de colégios de Foz de Iguaçu, Ciudad Del Este ou de outras cidades da região, bem como grupos de turistas que vêm à Tríplice Fronteira.

A estrutura direcionada ao turismo ainda não está muito consolidada, apenas um dos funcionários da Mesquita tem, dentre várias outras incumbências, a função de “guiar” os turistas e dizer algumas palavras sobre os ritos realizados lá. É distribuído um “folder” sobre a religião muçulmana e, na porta, juntamente às estantes destinadas à acomodação dos sapatos - não é permitido entrar calçado no templo -, existem armários com saias e véus disponibilizados para aquelas mulheres que desejem entrar. Esta indumentária é de uso obrigatório.

Questionado o Sheik se havia atividades ou projetos direcionados à conversão de novos fiéis ao islã, aquele informou que não. É perceptível, inclusive pelas descrições das atividades da Mesquita, que a prioridade é a manutenção da religião muçulmana entre os próprios árabes, e o caminho para que isso se torne possível são os jovens. Esta é uma situação clara quando se relembra a preocupação pela vinda de um religioso que dominasse a língua falada pelos jovens, pela ênfase nas atividades direcionadas aos jovens e às crianças, pelas reuniões de jovens aos sábados e dos grupos de memorização do Alcorão. Essas situações evidenciam a constante preocupação da Mesquita na manutenção da religião entre os já praticantes ou aqueles descendentes de famílias muçulmanas. Proporcionalmente à quantidade de muçulmanos que existem na cidade, a quantidade que de fato frequenta a mesquita é pequena, no entanto, esse é um espaço muito mais de socialização e interação da comunidade do que um templo que deva ser obrigatoriamente frequentado. Segundo o líder espiritual, “ser muçulmano é muito mais do que frequentar a mesquita. É seguir os seis pilares de fé do islã”.

De toda sorte, nas orações de sexta-feira, que reúnem a maior quantidade de pessoas no templo, é possível observar homens de todas as idades, de senhores idosos a adolescentes e crianças. O ritual é considerado pelos pais uma forma de verem seus filhos em contato com a religião e, em alguma medida, com hábitos e costumes do seu país de origem.

Há uma grande preocupação com que os valores e a religião se percam nas gerações futuras dentre os nascidos em território brasileiro, dada sua interação não apenas com brasileiros, mas também com nacionais de várias outras origens que convivem na fronteira. Ainda que haja uma relevante concentração de libaneses em bairros de Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este, ainda que haja escolas direcionadas a alunos de origem árabe, há uma constante e inevitável interação desses jovens com pessoas de outras origens, além do que são nascidos no Brasil e essa é a sua pátria. Por esse motivo, as atividades da Mesquita têm

grande relevância no sentido de ser um ambiente em que valores da religião islâmica, das regiões de origem de seus ascendentes, sejam divulgados.

Escola Libanesa Brasileira e Escola Árabe Brasileira

Um dos ambientes que proporcionam a socialização de crianças certamente é a escola. A interação com outras crianças, bem como as disciplinas ministradas, dizem muito a respeito dos códigos que regem uma sociedade. Em Foz do Iguaçu existem duas escolas direcionadas às crianças de origem árabe. É um dos maiores orgulhos da comunidade que, assim, mostra como têm força e coesão, apesar disso não se mostrar em outros aspectos, como o político, por exemplo. A todo momento, é ressaltado pelas lideranças e pelos libaneses que têm filhos em idade escolar a importância de aprenderem o árabe como disciplina obrigatória em uma escola com grade curricular nos padrões estabelecidos pelo Ministério da Educação brasileiro. Majoritariamente, as famílias Libanesas dão preferência para que suas crianças estudem nesses colégios.

As duas escolas administradas por árabes na cidade de Foz do Iguaçu são a “Escola Árabe Brasileira” e a “Escola Libanesa Brasileira”. Em visita à primeira, foram conjuntamente entrevistadas a Diretora e algumas professoras, brasileiras e libanesas, que lá trabalham. As informações sobre a segunda escola foram retiradas de informativos, periódicos diversos da cidade, e do próprio site do Ministério da Educação.

Segundo a professora de língua árabe da Escola Árabe Brasileira, a mais antiga entre as que hoje lecionam na escola atuando há 10 anos, o estabelecimento foi inaugurado no início da década de 90, funcionando apenas como uma escola de língua árabe por muitos anos. Mais tarde passou a funcionar como escola com séries primárias, com turmas de

maternal e jardim de infância. Apenas em 1999 abriu turmas de ensino regular, com turmas de ensino fundamental a partir da 1ª série.

A escola é aberta à toda a comunidade, mas a maior parte dos alunos matriculados são filhos descendentes de libaneses muçulmanos. Dos cerca de 300 alunos hoje matriculados, foi mencionada a presença de apenas um descendente de família cristã e de cerca de 5 ou 6 que não possuem ascendência de algum país árabe. Relataram também não haver criança que resida em Ciudad Del Este e estude na escola.

A escola fica localizada no Bairro Jardim Central, dentro das propriedades do Centro Cultural Beneficente Islâmico, a Mesquita Sunita, e hoje é arrendada a um Libanês que a administra. Segundo o presidente da Mesquita, essa é a única fonte de renda fixa que possuem e é a partir dela que pagam as despesas do Centro Cultural, como manutenção e pagamento de funcionários. O restante da renda advém de doações de fiéis. É considerada pela comunidade como a escola dos Sunitas. Entretanto, alguns dos Sunitas que foram entrevistados tinham seus filhos estudando na Escola Libanesa Brasileira, sob o argumento do nível de ensino desta última ser superior.

A Escola Libanesa Brasileira se localiza no Bairro Jardim São Paulo, mais afastado do Jardim Central, onde se concentra a residência da maior parte dos libaneses da cidade, bem como do Jardim Jupira e do Centro da cidade, onde vários edifícios são habitados apenas por árabes. Segundo dados do “Perfil da População de Foz do Iguaçu de 2003”, disponibilizado pela Prefeitura da Cidade, contava com 530 alunos. Oferece também apenas o ensino fundamental e foi reconhecida pelo Ministério da Educação e pelo Governo do Estado do Paraná apenas a partir de 2004. A administração dessa escola também é particular, feita pelo proprietário, um libanês xiita, e por diretoras e coordenadoras brasileiras, de modo de que se adapte às exigências nacionais. Apesar da distância da residência da maior parte dos meus

entrevistados, muitos deles optaram por matricular seus filhos nessa escola. Alguns por serem xiitas, e outros, mesmo sendo sunitas, argumentaram que o ensino é mais satisfatório nessa.

O trecho abaixo corresponde ao início da entrevista realizada na Escola Árabe Brasileira, e apresenta alguns pontos importantes sobre suas especificidades e seus objetivos principais:

A: E qual é a diferença dessa escola pra outra escola comum?

P: O ensino regular é o mesmo, de qualquer outra escola nacional, né? A única coisa que diferencia é o ensino de árabe. Eles têm 3 aulas por semana, além da continuidade dos costumes dos pais no Brasil, pra não se perderem esses valores.

A: Ah, certo. Mas tem uma professora aqui que é de ensino religioso.¹⁴

P: Sim, é ela.

A: Então é você que dá aula de ensino religioso... e deve ser diferente também, né? Das nossas escolas regulares, não é? Porque na nossa a gente aprende ensino religioso cristão.

P: O deles é de acordo com a religião, né?

P2: Sim. Mas dentro dos costumes deles, ta dentro dos costumes deles aqui.

P: Mas é só nesses casos que diferencia, é a questão do conteúdo que faz diferença. Porque vai seguindo o que a religião deles seguem, o que os muçulmanos seguem.. é feito só pra eles, por estarem fora do país, é uma questão de continuar como costume, né? Pra não se perder.

É possível deste diálogo perceber o esforço em destacar que a Escola está de acordo com os padrões brasileiros de ensino, legitimada pelo fato de ser regulamentada pelo Ministério da Educação, tendo como seu único diferencial. Além do ensino das línguas portuguesa e inglesa, o ensino do árabe. O ensino do idioma árabe é uma forma de sistematizar o conhecimento prévio que alguns já possuem em suas casas, bem como de proporcionar uma familiarização com o idioma recorrente na religião muçulmana e mencionado como o de seus antepassados, o “árabe clássico”. Colocá-lo como disciplina obrigatória, juntamente com a língua portuguesa, permite que tenham os alunos um conhecimento de algo que pertence tanto à cultura libanesa, ou árabe, quanto à origem de seus

¹⁴ Estava presente na hora da entrevista, ao meu lado, e pude vê-la preparando exercícios para os alunos sobre o Alcorão.

pais e avós. As aulas de ensino religioso, por trazerem princípios da religião muçulmana, se diferenciam da maior parte das escolas brasileiras, que enfocam o cristianismo.

O “mito” da importância da educação para a segunda e terceira gerações de imigrantes, bastante discutido em outros trabalhos referentes às comunidades árabes no Brasil (Truzzi, 1991; Gattaz, 2005), também parece fazer parte do imaginário a respeito das crianças libanesas na Escola. Durante toda a entrevista, a diretora afirmou que o grande diferencial da Escola, se é que seja possível dizer que há uma real diferença entre alunos brasileiros e os descendentes de libaneses, é a importância que os pais dão à educação dos filhos e a forma como as crianças se empenham para aparecerem no quadro de destaque dos melhores alunos do bimestre.

Conforme explorarei no próximo tópico do trabalho, o hábito de algumas famílias fazerem visitas anuais, ou algumas vezes no decorrer de anos, às suas vilas de origem no Líbano ou a lugares no país onde se encontram seus familiares, faz com que muitos alunos percam até três meses de aula. As viagens costumam durar períodos mínimos de um mês, sendo mais comum durarem três meses, o correspondente ao período de verão no Líbano, entre junho e setembro. Decorre de uma grande quantidade de faltas, além da perda de conteúdo por parte desses alunos, haja visto que as férias de meio de ano no Brasil duram, em média, apenas um mês. A diretora argumentou, entretanto, que os professores se adaptam a esse fenômeno, nos casos necessários, passando tarefas e conteúdos para que levem durante a viagem, devendo ser acompanhados pelos pais. E os alunos, ao retornarem ao Brasil, procuram acompanhar o que já foi ministrado em sala de aula, inclusive prestando as avaliações que perderam. A diretora ressalta, ainda, que não há prejuízo algum para estes alunos, pois “a maioria dos pais são muito interessados”.

Após a entrevista, circulando por mais algum tempo pela escola, foi possível conhecer melhor o estabelecimento, inclusive obtendo algumas fotos. No momento em que registrava o

quadro que relacionava os alunos que foram destaque em cada uma das séries, desde a primeira até a sétima, a coordenadora destacou: “É uma disputa pra entrar nesse quadro, precisa ver! Parece que na raça deles é mais importante ser bom nos estudos”.

Ter contato com crianças cujos pais tenham a mesma origem, a mesma religião, hábitos e costumes semelhantes, permite uma socialização diferenciada para estas crianças, distinta da que teriam caso estudassem em uma escola brasileira não-árabe. Juntamente às aulas do idioma árabe, com seu status de ser o que lhes dá acesso à compreensão parcial dos códigos sociais do país de origem de seus antepassados, as aulas de ensino religioso direcionadas ao islã proporcionam ambiente de exposição de elementos da cultura libanesa/árabe a essas crianças, cujos referenciais tendem a se distanciar cada vez mais da origem de seus pais.

ESTAR AQUI/ESTAR LÁ – VIAGENS DE (RE)CONHECIMENTO AO LÍBANO

Falar a respeito da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este envolve pensar em conceitos já utilizados na introdução do trabalho tais como transnacionalismo e transnacionalidade. Estar aqui/estar lá, ter participação política e econômica em ambos os contextos, de onde e pra onde migraram, a vivência de identidades ambíguas dentre outros, implicam que em maior ou menor proporção os libaneses participem de dois contextos sociais.

São várias as situações em que a condição transnacional de um libanês residente na fronteira se manifesta. Seja por meio do constante contato com amigos e parentes que moram no Líbano, pela participação e contribuição a partidos políticos no Líbano, pelas manifestações públicas em momentos críticos de conflitos no Oriente Médio, por exemplo,

existe uma conexão entre os dois países. Passo a expor uma outra forma de manutenção dessa conexão em que a transnacionalidade se manifesta de maneira concreta e física, as viagens que muitos realizam, alguns com grande frequência, para o Líbano.

Conforme observou Jardim (2000:284) entre os palestinos residentes no Chuí, “a viagem da volta é uma importante enunciação auto-reflexiva da experiência de migrante, tal como as peregrinações, permite construir unidades socioculturais entre pessoas e situações que se reconheciam como bastante diversas”. A situação da migração, aliada ao contexto multi-étnico da fronteira potencializa a necessidade da criação da alteridade com relação a outros grupos. Não necessariamente a viagem significa um “volta”, dado que muitos não nasceram no país estrangeiro, apenas seus ascendentes, ou seja, nem sempre há um “reconhecimento”, mas um “conhecimento” do que podem considerar como suas raízes.

As pessoas pertencentes à comunidade com que tive oportunidade de conversar, sempre diziam, especialmente os que tinham melhores condições financeiras, que era muito comum viajarem frequentemente para o Líbano. Alguns chegavam a possuir casas lá para que pudessem passar as férias com a família no país, indo, segundo eles, todos os anos. Entretanto, não conheci nenhuma família que tivesse hábito tão frequente de visitar sua terra natal ou seus parentes. Porém, raros disseram nunca ter visitado e todos manifestaram vontade de fazê-lo caso tivessem condições.

Percebe-se que é comum que essas viagens se estendam por períodos longos de no mínimo 2 meses chegando a 6 meses de permanência. O argumento principal é a distância entre um país e o outro e a necessidade de ficar por um tempo maior para poder conviver um pouco mais com os hábitos e a realidade de lá. Ou seja, pensam ser necessária uma socialização, é mais que uma simples visita. É a oportunidade que têm de se familiarizarem melhor com os hábitos, com o idioma, a culinária e o cotidiano de uma vila de maioria muçulmana.

Podemos separar em as viagens em quatro categorias. A primeira se refere àqueles que viajam para apresentar seus filhos sua terra natal ao menos uma vez, geralmente já não têm mais família residindo lá. A segunda se refere aos que vão e levam os filhos mais de uma vez, pois ainda possuem parentes próximos, tais como pais, e mantêm vínculos fortes não apenas com o país, mas com a própria família. Há aqueles que vão todos os anos nos períodos de férias, ou com grande frequência sempre que possível, e mantêm casas lá e aqui em que residem familiares que já moraram nos dois países. Existe ainda uma quarta categoria e migrantes que vêm, mantêm seus negócios e aqui permanecem, mas que fazem questão de mandar seus filhos, geralmente nascidos em um dos países da fronteira, para estudarem e morar no Líbano. É uma forma de manterem costumes e tradição de maneira mais forte que nas instituições da colônia criadas no país hospedeiro.

Sobre o primeiro grupo, reuni alguns relatos de pais que estão no Brasil há muitos anos, vieram inicialmente sozinhos, começaram com pequenos negócios e se casaram aqui. Alguns com libanesas ou descendentes, mas a maioria com brasileiras. Quando se casam com mulheres que possuem as mesmas origens, há maiores possibilidades de ela ter parentes no Líbano e manter contato com eles de alguma forma. Os filhos, todos nascidos aqui, têm como único referencial os hábitos familiares e de amigos da mesma origem, porém têm maior possibilidade de se identificarem com o país em que vivem. Para que lhes seja apresentada a terra de seu pai, geralmente são levados ao menos uma vez. Uma das conseqüências mais evidentes é que se sintam membros de uma comunidade de migrantes com problemas e traços comuns.

M. 38 anos, brasileira, divorciada, filha de um libanês e uma brasileira relata que visitou o Líbano uma vez, junto com seu pai e seus 5 irmãos. “Fomos para lá em 1992, o país estava muito destruído e cheirava a pólvora. Vendo o que eles passaram lá faz a gente se revoltar com o que dizem na mídia aqui”. Ela se refere a um período em que o Líbano se

reconstruía de conflitos religiosos nos anos 1980. Disse que vendo como é lá, como é o país de seu pai, pôde perceber melhor como acusações de ligação com atividades terroristas internacionais e de grupos fundamentalistas islâmicos não procedem. Disse ter se interessado muito mais pelos conflitos no Oriente Médio após conhecer e ver como é lá. Apesar de ser brasileira, não ter tido uma formação na religião muçulmana, pelo fato de sua mãe ser cristã e os pais não terem entrado em um consenso sobre a religiosidade dos filhos, se sente parte e atingida injustamente quando se referem a muçulmanos como terroristas. Acompanha as notícias relacionadas ao tema nos jornais e adere à manifestações públicas promovidas em Foz do Iguaçu pelas instituições da colônia em momentos críticos de conflitos em países árabes.

O segundo grupo inclui um grande número de meus entrevistados, que costumam manter contatos de outras formas tais como telefone e internet com parentes que ainda residem no Líbano. Existe uma sensação de proximidade maior do que os do grupo anterior e isso facilita a ida mais freqüente e uma socialização mais próxima de seus filhos com parentes que ainda permanecem lá. O principal motivo alegado para que a freqüência de visitas não seja maior são as altas despesas que uma viagem envolve.

A: E vocês têm casa lá? Costumam ir sempre?

N: É. Não, nós não temos casa lá, tem a casa do meu sogro. É a gente não vai todo verão

A: A vida lá não é barata...

N: Não. Passagem não é barata, nada é barato. Eu, meu marido, meus filhos são 5 pessoas, imagina... as vezes só meu marido vai, as vezes leva um dos meninos. Eu já fui também. Meu filho mais velho já foi 3 vezes, os outros 2 só uma.

No terceiro caso existe um trânsito muito maior de vários membros de uma família, geralmente com pais que já residiram no Brasil, trouxeram suas famílias e voltaram a morar no Líbano quando se aposentaram. Alguns de seus filhos permaneceram na América, outros retornaram ao Líbano e muitos trânsitos entre lá e cá se realizaram de acordo com a

necessidade, especialmente de acordo com o lugar que está melhor para “os negócios”. O caso da família de M.R. é ainda mais complexo que esse e envolve um trânsito mais amplo por outras partes do mundo tendo como “ponto de encontro” da família o Líbano.

M.R, 37 anos é dono de lojas de artigo de cama, mesa e banho, sócio de um irmão em Foz do Iguaçu e Assunção. Nasceu no Canadá em um período em que seus pais migraram para o país com 6 filhos. Anos mais tarde retornou ao Líbano com a família e M.R optou por migrar para Foz do Iguaçu, onde já moravam alguns tios e primos. Mais tarde, alguns irmãos vieram para o Brasil e para o Paraguai, outros retornaram ao Canadá e seus pais optaram por permanecer no Líbano local em que ele e os irmãos costumam ir para visitá-los. “Meu pai quis ficar lá para que nós não esquecêssemos nossas raízes. Faz questão que sempre visitemos ele lá”(M.R.) .

Os trânsitos foram intensos, de acordo com oportunidades comerciais e de melhor sustento da família como um todo e à medida que seus filhos iam constituindo suas próprias famílias. Nota-se aí que, apesar da constante circulação, houve uma preocupação com a manutenção da nacionalidade, por mais ambígua e complexa que essa possa se constituir. M.R. é casado com uma brasileira, pai de quatro filhos os três mais velhos nascidos no Brasil e o mais novo no Líbano, em um período que enviou sua família para residir lá. Ele já tinha negócios no Brasil e no Paraguai e seu irmão e sócio ficou à frente durante esse período. Relatou, ainda, manter sua nacionalidade e passaporte canadenses, segundo ele, pela força que têm em todas as partes do mundo, especialmente pela facilidade de entrada nos Estados Unidos, país em que a maior parte dos árabes encontra grande dificuldade de acesso especialmente após o 11 de setembro de 2001.

O quarto e último grupo inclui um grupo mais restrito, porém que tem o contato mais forte e intenso com seu país de origem. São migrantes, geralmente muçulmanos xiitas que ainda têm parentes próximos no Líbano, que optam por enviar seus filhos para residir e serem

educados no Oriente. Conversando com alguns brasileiros, ouvi histórias de mãe brasileiras casadas com libaneses que temiam que os pais levassem seus filhos para morar em seu país de origem para que lá convivessem com as tradições e os hábitos do país. Dizia-se que algumas se sentiam obrigadas a acompanhá-los para não se separarem deles e outras tinham seu filhos “levados”, caso não concordassem em ir. Não conheci nenhum caso concreto dessa situação, mas conversei com uma senhora libanesa xiita, casada com um homem de mesma origem e religião, mãe de 4 filhos, que os havia enviado para o Líbano para estudar. A família reside em Foz do Iguaçu desde 1983.

De todos os entrevistados nascidos no Líbano, foi a única que quando questionei como se sentia, mais brasileira ou libanesa, que respondeu sem dúvida alguma, “sou árabe”. Todos os outros tinham dificuldade de responder a pergunta, dado que se sentiam pertencentes aos dois países em alguma medida. Perguntei, então, se ela tinha intenção de retornar com o marido para lá para permanecer junto aos filhos. Ela disse que não, ia lá apenas visitar os filhos, dado que seu sustento, seus negócios estavam no Brasil e lá não tinha boas perspectivas. Coincidentemente, enquanto estive em Foz do Iguaçu, seus filhos também estavam, pois haviam retornado por conta do conflito que se desenvolvia no momento naquele país.¹⁵ A filha mais velha com 17 anos, não vinha ao Brasil há 6. Conversei com ela e as 2 irmãs, de 14 e 13 anos, e as três manifestaram vontade de retornar ao Oriente assim que possível. “A gente não vai ficar, a gente vai voltar! Lá é nosso lugar”.

é a ligação, você coloca aí, 10, 15 anos que estão aqui, uma boa parte, deixaram lá ainda pai, mãe irmão, uma boa parte, então tem ainda essa ligação. Vai passear, vai visitar a família, tem contato com a família, a família vem visitar aqui, então fica esse link. E é exatamente isso que mantém a colônia de Foz do Iguaçu ativa... por isso que eu digo, a colônia daqui é muito interessante, ela não é uma comunidade estática... ela é muito ativa, e não se furta também do que acontece na cidade. Sempre que tem alguma coisa na cidade, seja uma festa, ou um problema, sempre que a comunidade é chamada, nunca se furtou de nada. (I.)

¹⁵ Maiores detalhes sobre o conflito no item 3.3, próximo capítulo.

Conforme o dito por I. as viagens são uma das formas que mantêm a comunidade unida e fazem em com que haja um sentido coletivo. As viagens, os contatos com uma mesma origem têm o papel de servir como um referencial que faz com que membros da comunidade se sintam parte dela por perceberem concretamente a existência de histórias em comum. Não é uma experiência disponível para todos, especialmente por motivos de ordem econômica, porém nem por isso é uma experiência individual, pois possui um significado importante até para os que não têm a oportunidade de viajar. Mesmo os que nunca foram, não deixam de mencionar casos de outros que residem na fronteira como exemplo de vínculo com o outro país, que reforça a comunidade como portadora de uma ligação, elemento que a constitui.

CAPÍTULO 3

TENSÕES, ESTEREÓTIPOS E MANIFESTAÇÕES: PROCESSOS EXTERNOS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Conforme já mencionado na introdução, partimos do suposto de que situações de migrações são uma excelente oportunidade para reflexões acerca de identidade, etnicidade e nacionalidade, pois propiciam investigações estratégicas capazes “de elucidar os mecanismos de identificação pelos outros, tanto quanto os de auto-identificação, não obstante esta ser reflexo daquela” (Cardoso de Oliveira, 2000, 8-9). Cheguemos aos mecanismos de identificação do grupo migrante pelo “outro”.

Por meio dos três tópicos que passarei a expor, será possível perceber alguns processos externos também influenciam na formulação identitária da comunidade. Dentre eles serão analisados as constantes acusações de terrorismo, as visões de brasileiros e os conflitos ocorridos no Oriente Médio. Assim como a interpretação que os membros do grupo dão à essa percepção de “outros”.

Por um lado, notícias veiculadas pela mídia que os associam à imagem do terrorismo internacional, bem como a percepção de brasileiros que trabalham com eles trazem à luz uma tensão. Há uma tentativa de inserção social no contexto brasileiro/paraguaio, bem como uma necessidade de convivência, geralmente por questões profissionais, mas uma dificuldade de compreensão que inibe uma interação que ultrapasse os limites das relações profissionais. Por outro lado, conflitos e momentos críticos no Oriente Médio provocam iniciativas e manifestações de árabes na fronteira que não se furtam de expressar que se sentem atingidos pelo que ocorre lá e buscam chamar atenção aqui. Trata-se de uma nova forma de demonstrarem a ambigüidade de sua identidade, outro indício de sua transnacionalidade.

ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELA MÍDIA;

Em um ambiente marcado por atividades ilícitas internacionais, tais como tráfico, contrabando, lavagem de dinheiro, dentre outras, são também os membros da comunidade árabe alvos de seguidos ataques da mídia e da opinião pública. Além da associação dos muçulmanos, em grande parte do mundo, aos atos terroristas internacionais, potencializados pelo “11 de Setembro”, na tríplice fronteira o estereótipo do terrorista tem, ainda, como fator agravante, as constantes suspeitas oficiais, em especial por parte do governo norte-americano, de ali haver células terroristas e de financiamento de organizações extremistas do Oriente Médio.

O objetivo principal do presente tópico é demonstrar a forma como essas conjecturas atingem a comunidade libanesa na Tríplice Fronteira, bem como são respondidas tais acusações que circundam constantemente suas vidas.

“Aqui todo mundo só trabalha”; “O que é terrorismo? Se invadirem sua casa, você não vai fazer nada?”; “Isso é coisa dos EUA, os brasileiros não fazem isso”; “Aqui estamos protegidos, até o governo nos apóia, considera um partido político, uma resistência”; “Não há como controlar o dinheiro que enviam e pra quem”. Essas, dentre outras similares, são respostas encontradas nos depoimentos dos entrevistados quando questionados sobre como conviviam com as constantes suspeitas e acusações que recaem sobre eles. É possível perceber que os argumentos vão desde a defesa da imigração por questões econômicas e pelas oportunidades de trabalho que têm na fronteira, passando pela relativização do que é

considerado terrorismo, até a legitimidade e legalidade da comunidade por ter respaldo do governo brasileiro a respeito de organizações como o Hezbollah¹⁶.

Adiante, será feito um pequeno histórico das principais acusações apresentadas pela mídia sobre o envolvimento do segmento libanês com as supracitadas atividades criminosas, no intuito de haver melhor compreensão de quanto tempo tal situação faz parte do cotidiano do grupo, bem como do tipo de suspeitas que recaem sobre eles. Em seguida, serão apresentadas reações de diversos indivíduos e líderes da comunidade diante das acusações, e como isso influencia na formação da identidade e do fortalecimento da comunidade na região. E, por último, a forma como libaneses usam ou omitem o envolvimento com atividades ilícitas, de acordo com a conveniência em determinadas situações, demonstrando, com isso, a situação ambígua de pertencerem ao Brasil ou ao Líbano, dependendo da situação ou até em uma mesma circunstância.

“Num artigo de 2002, para a revista Vanity Fair, o repórter Sebastian Junger descreve seu encontro com o ex-agente argentino Mario Aguilar Rizi, que passou anos investigando dois atentados contra alvos israelenses em Buenos Aires, em 1992 e 1994. Rizi conta que se deparou com campos de treinamento de militantes em fazendas próximas à fronteira com células do grupo libanês Hezbollah e da rede Al Qaeda, além de membros do grupo basco ETA e de outras facções terroristas. Junger reconhece que Rizi é uma figura polêmica, com uma série de entrevistas com a lei, mas outras reportagens, com fontes distintas, chegaram a afirmar que Osama bin Laden e seu braço direito, Muhamad Khalid Sheik, estiveram na região em 1995. O assunto é espinhoso. A embaixada americana em Brasília limita-se a me dizer, de forma diplomática, que a região preocupa o governo de seu país porque ‘há uma enorme quantidade de dinheiro oriundo de atividades ilegais sendo enviada para o Oriente Médio’. Especula-se ainda que 400 marines venham realizando no Paraguai exercícios militares em conjunto com tropas locais. A imprensa guarani acusa o episódio como o início da implantação de uma base americana fixa na região - o que a embaixada dos EUA em Assunção nega de forma categórica. No Brasil, a assessoria de imprensa do setor de inteligência e combate ao terrorismo apenas informa que, oficialmente, não há indício da presença de células terroristas na área.” (National Geographic, novembro de 2005)¹⁷

¹⁶ O Hezbollah (Partido de Deus) é constantemente denominado, em matérias de jornais e revistas, como uma organização terrorista. Para o Governo Libanês é um dos muitos partidos políticos do país, tendo, inclusive, várias cadeiras no parlamento. Dado que as questões políticas no Líbano estão intimamente vinculadas às religiosas, o Hezbollah é o partido que representa os muçulmanos xiitas. O Governo Brasileiro, da mesma forma, o reconhece como um partido político

¹⁷ <http://nationalgeographic.abril.com.br/ngbonline/codigopostal/0511/index.shtml>

O trecho acima, de matéria feita sobre os muçulmanos que vivem na fronteira sul-americana, apresenta um leque de várias das acusações de vínculo com atividades terroristas internacionais. É possível ver-se claramente que apesar do “11 de Setembro” ter sido um marco para a desconfiança em âmbito global acerca dos muçulmanos, em Foz do Iguaçu ele também foi um fato importante, mas não foi o primeiro atentado terrorista de que foram acusados de estarem envolvidos os membros da comunidade árabe na Tríplice Fronteira.

Na década de noventa houve dois atentados a entidades israelitas na cidade de Buenos Aires, na Argentina. As suspeitas sobre as autorias destes recaíram imediatamente sobre árabes muçulmanos que viviam na Tríplice Fronteira. A primeira se deu contra a Embaixada de Israel em 1992. Um carro bomba foi deixado em frente à sede diplomática e, ao explodir, matou 29 pessoas, deixando outras tantas feridas¹⁸. A segunda foi contra a Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA), em 1994, que deixou 85 mortos e, mais uma vez, um grande número de feridos¹⁹. Dadas as milenares desavenças entre árabes e judeus, os muçulmanos foram prontamente considerados responsáveis pelos ataques. Como a Tríplice Fronteira congrega as cidades mais próximas da capital Argentina onde há uma grande quantidade de árabes, levantou-se a suspeita de alguns envolvidos residirem lá.

Em 2001, quando surgiram notícias acerca da possibilidade de campos de treinamento terroristas estarem instalados na região, várias vezes foram lembradas as suspeitas de envolvimento com os ataques na Argentina. Após essa data, várias notícias e especulações foram lançadas pela mídia. Inicialmente, relativas à bases concretas de entidades como a “Al Qaeda” e o “Hezbollah” e, posteriormente, sobre o financiamentos de atividades terroristas internacionais, dada a grande circulação de dinheiro na região e o elevado número de libaneses donos de comércio em Ciudad Del Este.

¹⁸ <http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2006/dez/15/19.htm> em 16/01/2007.

¹⁹ <http://www.atentadodeamia.com.ar/>

Ainda que não existam provas concretas dos supracitados envolvimento, e nem declarações oficiais do Governo Norte-Americano, as constantes suspeitas levantadas têm papel importante na formação identitária libanesa na Tríplice Fronteira. Quando questionados e, por vezes, até quando não o são, acerca do tema, é possível perceber um constante incômodo. Tal reação é uma resposta às acusações. Diante da diversidade dos entrevistados para esta dissertação, com maior ou menor nível de instrução escolar, de engajamento em atividades políticas da colônia ou de indiferença acerca deste assunto, várias foram as reações acerca do tema, mas todos eram unânimes em querer manifestar sua opinião e, de alguma forma, se sentiam atingidos pelas suspeitas.

“Olha, vou falar uma coisa, na época criou uma apreensão, criou uma coisa, uma expectativa diferente. É... mas por outro lado foi bom, foi bom... porque todas as agências do mundo, todas as polícias, todos os tipos de investigação possíveis e imagináveis tiveram que vir à Foz do Iguaçu. 90% ilegalmente, veladamente. Nosso governo também foi muito presente aqui, fez um trabalho altamente profissional. E serviu pra acelerar, pra mostrar que a gente aqui não tem nada a esconder, não tem nada em Foz do Iguaçu. Entendeu? Então sobrou quem? Sobrou a mídia, pra ficar inventando... aí disseram, “Foz do Iguaçu tem terrorista, tem centro de treinamento de terrorista”, “tá bom, então mostra aonde é que tá!”; “ah, não, não achamos...” uê, tem que mostrar, é um negócio material, físico, tem que mostrar, mas não acharam “não, não, nós nunca falamos isso, Foz do Iguaçu financia, manda dinheiro”. Então é algo muito subjetivo, não tem como apalpar. Eu posso depositar uma fortuna no seu nome, e dizer que é seu. É um sistema muito frágil, o negócio ficou muito fino, frágil. Mas só que nós compactuamos com a posição do governo brasileiro, o que o nosso governo diz, repetimos, assinamos embaixo.” (Ex-presidente da Associação Árabe do Brasil, do Clube União Árabe, ex-diretor de comunicação da Mesquita ... dentre outros cargos expressivos da comunidade)

O depoimento acima apresenta pontos importantes, por ser representativo, do que pensam vários membros da liderança da comunidade e de pessoas que têm por hábito acompanhar o que é dito nos jornais e revistas.

O primeiro ponto levantado é sobre a visibilidade dada à comunidade pela mídia, ainda que constantemente com notícias negativas e que atingem a imagem desta quando a associam ao terror. O fato de diversas autoridades nacionais e internacionais terem feito investigações no local e não terem encontrado provas concretas fortalece a importância e a

integridade do grupo. O apoio oficial das entidades governamentais brasileiras, nos âmbitos municipal, estadual e federal, também é sempre lembrado e usado como forma de legitimar a isenção e a força que a colônia tem, bem como sua importância no contexto local, sempre digna de apoio oficial.

“Nada mais justo, não é? Estamos aqui há anos, temos muito comércio e geramos emprego, nossos filhos brincam com os deles”. Continua M.M.I, sobre a importância do apoio das autoridades municipais à comunidade libanesa na fronteira. Silva (2006:2-4) coloca em debate a dificuldade de delimitar quem deve defender o grupo acusado, dado o emaranhado de relações na Tríplice Fronteira. São diversos os temas envolvidos: nações e suas fronteiras, identidades étnicas e nacionais, imigração e deslocamento de pessoas, dinheiro e mercado. É difícil definir quem é árabe, libanês ou brasileiro, entre imigrantes, descendentes, naturalizados que mantêm relações em maior ou menor grau com seu país de origem, ao mesmo tempo em que possuem uma importância significativa para a economia do local onde vivem. É complexa a tarefa de definir em qual dos dois contextos sociais possuem maior ou menor participação política, o que acaba por tornar difícil a tarefa de “delimitar a soberania dos envolvidos - quem deve defender os grupos acusados? Os imigrantes árabes, as nações de origem ou as que a recebem? Os representantes estaduais ou municipais do interior de cada nação fronteiriça?” (Silva, *idem*:2).

No caso específico da Tríplice Fronteira, a defesa do Governo Federal brasileiro, bem como da prefeitura de Foz do Iguaçu, é considerada uma força importante de salvaguarda, sobrepondo-se às acusações feitas pela mídia, e cuja eficácia é maior do que a de uma liderança de uma comunidade na qual é difícil delimitar quem dela faz parte.

Outro ponto a ser destacado a respeito de preconceitos ou de acusações em desfavor da comunidade libanesa é a percepção da forma como tais situações ocorrem. Os libaneses não atribuem tais acusações aos brasileiros. Para eles tudo é levantado e divulgado “pelos Estados

Unidos”. Ainda que o termo “Estados Unidos” seja genérico para definir de onde ou de quem parte essas acusações, se da população do país, ou do Governo, ou da própria mídia do país, esta é a forma como os libaneses definem a fonte e quem, de fato, tem real preconceito a respeito deles.

Ainda que, em algum momento, sejam lembradas situações de discriminação ou preconceito por parte de nacionais dos países que os abrigam à Tríplice Fronteira, afirmam os membros da comunidade libanesa que são “bem recebidos”, que os povos brasileiro e paraguaio são “muito queridos” e os acolheram muito bem. Entendem os libaneses que mesmo que os nacionais, brasileiros e paraguaios especialmente, usem denominações como “turcos” para se referirem a eles ainda nos dias atuais, é por uma questão de ignorância, de falta de conhecimento, mas que rapidamente é esclarecido, e que não existem conflitos ou desavenças por esse motivo. O mesmo ocorre quando se refere à religião vinculada ao terrorismo internacional, é ignorância. Nenhum dos entrevistados disse ter se sentido ofendido ou discriminado por brasileiros, apenas pelos “americanos”, “pelo Bush”. A entrevista a seguir, inclusive por seu próprio título, remete a um desconhecimento, por parte de brasileiros e paraguaios, com relação ao Hezbollah e a associação de muçulmanos ao terrorismo de maneira geral.

Quadro 2

Acusado de terrorismo, libanês de Foz vê "ignorância"

Acusado pelo Paraguai como um dos líderes do Hizbollah na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), o comerciante libanês Assad Ahmad Barakat, 34 anos, que vive em Foz do Iguaçu (PR) desde 1987, diz ser "apenas simpatizante" do grupo extremista, legalizado como partido no Líbano, mas considerado terrorista pelos EUA.

Barakat diz que envia US\$ 400,00 (Quatrocentos dólares americanos) por ano para ajudar uma instituição criada pelo grupo, no Líbano, que cuida de órfãos dos mortos em conflitos com Israel.

Leia trechos de sua entrevista concedida à Agência Folha.

Agência Folha - Um procurador paraguaio diz ter documentos segundo os quais o sr. controla o envio de dinheiro ao Hizbollah.

Barakat - Ele pegou documentos de envio de dinheiro aos meus fornecedores. Negócio com Miami, Nova York, Chile e isso não significa nada. Tem remessa para o Líbano para as compras, através de carta de crédito, de produtos de Hong Kong.

Agência Folha - Mas ele disse ter uma carta de agradecimento do Hizbollah. Isso é verdade?

Barakat - É uma carta padrão do grande religioso Hassam Nasralla pela contribuição às creches que cuidam dos filhos de órfãos da guerra de libertação do sul do Líbano. Eu envio US\$ 400,00 (Quatrocentos dólares americanos) por ano para manter um órfão em uma dessas creches. Outros 2.000 libaneses do Brasil fazem o mesmo.

Agência Folha - Isso acaba contribuindo com o Hizbollah, não?

Barakat - É preciso deixar claro que existe uma grande ignorância do Ocidente sobre o mundo islâmico. É essa ignorância que me coloca como terrorista. Indiretamente, todo árabe que envia dinheiro ao Líbano acaba contribuindo com o Hizbollah. Se você compra um apartamento lá, envia dinheiro para sua mãe, como faço, tudo isso ajuda o Hizbollah.

Agência Folha - Qual é a ignorância ocidental sobre o mundo islâmico?

Barakat - A primeira é confundir o Hizbollah com grupo terrorista. Agora, com os atentados, ligam todo árabe ao grupo de Osama bin Laden.

Agência Folha - O que o sr. acha de Bin Laden?

Barakat - Laden é saudita, ele luta para desestabilizar o regime pró-americano na Arábia Saudita, onde o povo não vive bem. Só a monarquia controla o dinheiro. Ele [Laden] só falou na Palestina depois dos ataques americanos ao Afeganistão. Antes nunca falou pelo povo palestino.

Agência Folha - Para a CNN o sr. é o principal terrorista da tríplice fronteira e a mídia informa que o sr. estaria foragido. Como analisa essa notoriedade?

Barakat - Meus filhos [tem três filhos com menos de 12 anos], que são brasileiros, estão vibrando com minha imagem na TV e notícias sobre o caso. Não sabem que é uma fama triste.

Folha de São Paulo 13/11/2001

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u33312.shtml>

O empresário que, em 2001, concedeu essa entrevista ao jornal Folha de São Paulo, chegou a ser preso em 2002 e enviado para Brasília para averiguações acerca de seu envolvimento com o financiamento de atividades terroristas realizadas pelo Hezbollah, mas foi liberado em seguida, por falta de provas. Até dezembro de 2006, circulavam matérias em jornais de grande expressividade em âmbito nacional que relatavam o envolvimento do comerciante com o partido xiita libanês. As respostas que deu acima correspondem ao discurso de muitos dos xiitas que foram entrevistados para a presente dissertação. Nenhum deles relatou claramente serem filiados ao partido, provavelmente por uma questão de cautela. No entanto, um deles disse ter migrado para o Brasil, juntamente com sua família, por estar envolvido em questões políticas e, por isso, estar sendo perseguido.

Outra senhora, que vive no Brasil desde 1983 com seu marido e filhos, tendo sido apresentada para ser entrevistada por um casal brasileiro, donos de uma corretora de imóveis que prestam serviços à família, também não se declarou como membro do partido. Porém o casal diz que, por muitos anos, ela usou uma corrente de ouro com o nome do “partido de Deus” em seu pescoço.

Tive oportunidade de fazer amizade com alguns jovens nascidos no Líbano, que migraram com seus pais para o Brasil ainda meninos, e que circulavam com fotos do líder do partido, Hassam Nasralla, como proteção de tela de seus celulares, bem como faziam parte de comunidades de pertencentes e simpatizantes da liderança xiita. Interessante a forma como manifestam em alguns momentos a simpatia pela causa defendida no Líbano e, em outras oportunidades, preferem nada comentar a respeito. Dizem, no máximo, serem simpatizantes, mas não financiadores daquilo que não consideram terrorismo, mas sim uma resistência às opressões exercidas pelo Estado de Israel e por militantes de outras religiões no próprio Líbano, estes filiados a outros partidos políticos.

A seguir, apresenta-se transcrição de um trecho do diário de campo. Relato da briga desses jovens libaneses com um grupo de jovens paraguaios, em uma Boate de Foz do Iguaçu, onde fica claramente apresentada a ambigüidade da identidade dos jovens membros da comunidade libanesa que, em determinados momentos, acionam sua cidadania brasileira, por serem portadores de documentos, mas que em outras situações fazem ameaças exaltando seu poder de periculosidade por serem “membros” do Hezbollah.

Em algum momento eles conseguiram um camarote e fomos lá ficar com eles²⁰. Fui andar um pouco, ao banheiro e quando voltei, não estavam mais lá, encontrei as meninas²¹ na escada perto da saída com apenas um deles. Perguntei o que aconteceu, elas me disseram que os outros haviam sido expulsos, pois se envolveram em uma briga com um grupo de rapazes paraguaios que acertaram uma garrafa de cerveja em um dos libaneses e os outros foram pra cima deles. Os “turquinhos” foram expulsos e os paraguaios ficaram dentro da boate, segundo os rapazes que ficaram na porta, com medo de serem agredidos. Depois de muito tempo esperando para ver se eles conseguiam entrar de novo, as meninas quiseram sair para ver a briga. Saímos e os encontramos nas proximidades da porta da boate esperando os paraguaios. Nos mostraram o nariz machucado do que levou a garrafada e nós ficamos por perto, por insistência das meninas. Eu estava com muito frio e não gosto de confusões, mas elas insistiram muito e ficamos. Para mim foi ótimo poder observar as reações deles que estavam realmente nervosos e a toda hora acionavam sua identidade, etnicidade e nacionalidade em contraposição às dos agressores de seu amigo.

“Nós somos brasileiros, temos documentos brasileiros, olha aqui! Temos direito de ficar. Porque só expulsar a gente e eles não? Somos brasileiros, aqui, oh! Temos documentos!”

“Nós somos do Hezbollah! Tão achando que tão brincando com quem? Vão apanhar!”

O conjunto destas situações em que são chamados ou sentem a necessidade de comentar as constantes acusações que pesam sobre a comunidade, mostra a forma como se sentem parte de dois mundos e atingidos em alguma medida, ainda que nada tenha sido provado.

O objetivo aqui não é discutir se têm os membros da comunidade libanesa envolvimento ou não com o Hezbollah, dado que a própria condição deste como grupo terrorista ou partido político pode ser relativizada. A questão é a forma como tal situação faz

²⁰ O grupo de 6 jovens libaneses, conhecidos que encontramos na boate.

²¹ Minhas duas amigas brasileiras com quem fui à boate.

parte da construção identitária do grupo e, por vezes, obriga-os a sentirem-se parte de conflitos e das dificuldades que envolvem o Oriente Médio, e não necessariamente da fronteira em que vivem, da mesma forma que, em outros momentos, fazem questão de assumir sua nacionalidade brasileira, ou paraguaia, conforme a situação e a conveniência.

COMO OS “BRASILEIROS” VÊM OS LIBANESES

A presente seção expõe algumas percepções de brasileiros que vivem na fronteira. Alguns são funcionários de empresários libaneses, outros mantêm negócios com árabes, outros ainda simplesmente vivem em um espaço etnicamente segmentado e sabem da existência de um grande grupo de libaneses. Dois pontos se destacam a respeito das impressões dos “brasileiros” sobre o segmento étnico analisado na pesquisa: o grande poderio econômico dos empresários e as dificuldades no lidar entre os gêneros. Grandes lojas e galerias em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este são de donos de origem libanesa, isso faz com que sejam reconhecidos como portadores de alto poder aquisitivo e relevante influência na cidade. Por outro lado, existe uma evidente e explícita relação conflituosa sobre a forma como homens árabes se portam para com mulheres brasileiras e paraguaias. Adiante os dois temas serão explorados.

Pequena população, grande poderio econômico

“Quem você veio estudar, os turco? Eles têm muito dinheiro! Até quem trabalha pra eles ganha mais, eles pagam melhor. Eles não gostam que chamam eles assim não, né? Por que?”

(J. brasileiro, eletricista que não mantém vínculos com libaneses)

Esta colocação de um brasileiro referente aos árabes em geral, que abrange também os libaneses, revela uma série de impressões acerca deste segmento étnico. Em primeiro lugar a forma como são denominados de “turcos” ainda que se saiba que o apelido não os agrada, tema já abordado no primeiro capítulo. A segunda é o poderio econômico que grande parte deles exerce na cidade, isso faz com que o poder de influência de outros árabes, ainda que não tenham o mesmo poder aquisitivo, mesmo assim seja grande. A terceira é a distância e o desconhecimento sobre os libaneses que há tanto tempo vivem com brasileiros na fronteira, mas não necessariamente têm uma convivência com brasileiros.

“Pragente, não há lugar como essa fronteira” relatou R., 28 anos, nascido no Líbano e residente no Brasil desde os 10 anos de idade. Morou alguns anos em São Paulo e depois veio para Foz do Iguaçu, sempre trabalhando em Ciudad Del Este. Há três anos atrás mudou-se para Brasília e abriu uma banca na “Feira dos Importados”²². O empreendimento inicialmente pareceu-lhe interessante, dado que conseguiria ganhar em torno de 25 a 50% a mais de lucro em comparação ao que comerciantes de eletrônicos ganham em Ciudad Del Este. Ademais, seria sócio e não mais apenas empregado. Permaneceu na cidade por apenas seis meses e retornou à Foz do Iguaçu. Disse não ter se adaptado à capital, os negócios não foram tão lucrativos como o esperado e, especialmente, não se sentia da mesma forma que na fronteira. “Olha aí em volta, todas as lojas de eletrônicos, as que mais dão dinheiro são de libaneses, pode perguntar e você vai ver. Aqui basta dizer que é libanês pra todo mundo respeitar”. A frase deixa clara o “status” de ser libanês na fronteira dado que grande parte deles tem um alto poderio econômico, é formada de empregadores e trabalha com artigos lucrativos. Evidentemente, nem todos eles são ricos:

“Eu tenho muitos amigos meus árabes que trabalham, que vêm do Líbano para cá, sem ninguém, sem parente, sem família e ganha US\$400,00 pra ele trabalhar e vêm esse árabe aí e dizem que ele é rico. Tem muita gente que vem aqui mendigar, gente que vem pedir dinheiro pra comer, então não é todo

²² Também conhecida como “Feira do Paraguai”. Um estudo acerca dessa feira foi realizado Souza (2000).

... mundo igual...” (A., 31 anos, libanês residente no Brasil desde 1991, dono de uma loja de Celulares em Ciudad Del Este, em sociedade com seus irmãos)

O fato de a maioria dos libaneses de Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este se concentrar em atividades comerciais, majoritariamente como empregadores coincide com dados acerca de muçulmanos em todo o Brasil. Waniez e Brustlein (2001) realizaram um estudo com base no censo de 1991 do IBGE e o perfil sócio-econômico da população pertencente a essa religião. De acordo com os dados do censo, até aquele ano cerca de 25.000 brasileiros se declararam muçulmanos. O número é pequeno quando comparado a estatísticas feitas pela Sociedade Beneficente de São Paulo, por exemplo, que calcula em torno de um milhão de muçulmanos no Brasil. A explicação para tal divergência nos dados é que em geral os muçulmanos são englobados na categoria “outros”. “O consenso hoje entre os pesquisadores é de que o mais provável é que os muçulmanos sejam atualmente cerca de 200 mil no Brasil” (Espínola, 2005:71). A maior parte é originária do Líbano, seguida da Síria e da Palestina.

De qualquer forma, os dados dos autores acima demonstram que 60% da população muçulmana se ocupa de atividades comerciais, e 10,4% estão no setor de prestação de serviços. Sendo que desses, 40% são empregadores. O perfil majoritário é do comerciante independente ou patrão de uma empresa que emprega menos de 10 pessoas. Em termos salariais, é pequena a proporção de muçulmanos pobres que recebem salário mínimo ou menos, apenas 13,7%. Entre a população urbana brasileira em geral esse dado corresponde a 55,7%.

Uma das conclusões das análises de dados da pesquisa foi a de que, apesar de não serem muitos proporcionalmente ao total da população brasileira, os muçulmanos exercem um forte poder econômico. Minhas conclusões coincidem com as de Espínola, segundo as quais se tratava de um grupo “pequeno em números, mas bastante ativo nas camadas superiores da população” (Espínola, idem:73). De fato, na fronteira o quadro não é diferente,

ainda que não se tenham dados concretos sobre os números de donos de comércio libaneses ou da mesma origem, os muçulmanos são donos de uma grande quantidade de estabelecimentos e são reconhecidos como poderosos economicamente nas cidades.

Tive oportunidade de conhecer e conviver com alguns brasileiros funcionários das lojas de libaneses e suas percepções acerca dos padrões trazem dados interessantes sobre a percepção da população a respeito da colônia na cidade. Ademais, tive acesso também a alguns empresários e funcionários autônomos que prestavam serviços ou mantinham negócios com libaneses, suas considerações também são de grande relevância.

O primeiro ponto levantado por essas pessoas é a questão do valor da “amizade” e da “confiança” nas relações estabelecidas com libaneses. Independente das diferenças de crenças religiosas, hábitos culturais, dentre outras que podem causar divergências, no momento em que adquirem e depositam confiança esses fatores não têm mais tanta importância e uma boa relação se estabelece. Quando fui apresentada à família xiita, dona do açougue árabe, pelo brasileiro P.C. dono de uma imobiliária, peguei alguns livros a respeito das mulheres no islã com a esposa. No momento em que P.C. viu que eu tinha objetos emprestados me pediu *“Pelo amor de Deus, não deixa de devolver esses livros porque eu tenho muito negócio com eles”*. Percebe-se a apreensão para que não se perca a confiança estabelecida entre eles e, conseqüentemente, não se percam os negócios.

Não é algo considerado fácil relacionar-se com libaneses, porém a “confiança” permite que isso ocorra de maneira livre. Vistos como “desconfiados”, de uma maneira geral, é um grande valor que essa relação mantenha-se firme. É grande a importância que dão conseguirem “adentrar o mundo” desses que na concepção de brasileiros possuem elevado poder econômico, capazes de pagarem até melhor por serviços.

Importante ressaltar que essas relações não costumam extrapolar o universo profissional, estendendo-se apenas a alguns eventos sociais para o qual são, esporadicamente,

convidados por uma questão de cortesia, tais como casamentos e confraternizações de final de ano. Conforme afirmou Rabossi (2004) as relações interétnicas em Ciudad Del Este (e também em Foz do Iguaçu) se dão cotidianamente em âmbito profissional, o que não necessariamente significa que perpassem o momento em que fecham seus comércios ou terminam suas negociações profissionais. “*Eles são bem amigos, mas são difíceis demais, atrasados demais, muito ignorantes*”, disse um dos entrevistados.

Conflitos nas relações de gênero

Desde o início do planejamento de minha pesquisa, tinha uma preocupação com questões de gênero, ainda que esse não fosse o foco principal do trabalho. Inicialmente, imaginava a necessidade de ter alguma cautela pelo fato de ser mulher e ter como alvo de minhas entrevistas comerciantes de religião muçulmana. Sabendo que as relações entre homens e mulheres dessa são altamente reguladas, havia alguma possibilidade de eu não conseguir manter um contato necessário e de até precisar mudar meu grupo de pesquisa para mulheres, a quem possivelmente teria mais facilidade de acesso.

Ao chegar em campo percebi que não teria as dificuldades que imaginei com relação a esse aspecto. Porém, questões de gênero foram as primeiras que me pareceram conflituosas entre a população de brasileiros de Foz do Iguaçu e os árabes que viviam na fronteira. As percepções de diferenças entre brasileiros e libaneses faziam com que as relações entre homens e mulheres dos dois grupos, especialmente de homens libaneses com mulheres brasileiras, fossem evidentemente conflituosas. “Não é que eu tenha algo contra eles, mas não dá, eles não respeitam mulher dos outros!” Me disse um jovem que trabalha em uma loja de eletrônicos em Ciudad Del Este e convive diariamente com vários libaneses.

A maior parte das vendedoras e funcionárias de lojas são brasileiras ou paraguaias e são constantemente assediadas por colegas, patrões, funcionários de lojas vizinhas e até por vendedores ambulantes na rua. Nem todos são libaneses ou de origem árabe, mas a prática é comum e constante nas ruas. Olhares, assobios, palavras e outros tipos de insinuações são constantes, especialmente nas ruas do Microcentro de Ciudad Del Este. Em Foz do Iguaçu o assédio existe, mas é mais discreto, provavelmente pela própria organização das ruas de bairros comerciais. São dinâmicas diferentes e a forma como essas relações se dão também. As restrições com relação ao comportamento dos homens libaneses para com as mulheres brasileiras e paraguaias se estendem às duas cidades, porém a forma como se manifestam nos dois contextos também é diferente. No lado brasileiro é mais velado, já no paraguaio é bem evidente.

“Esses rapazes chegam aqui com 19 anos, tudo virgem por causa daquela religião lá deles. Até então só tinham visto aquelas mulheres deles, tudo tampada. Quando chegam aqui e vêem as brasileiras, com essas roupas, todas comunicativas, andando pra lá e pra cá ficam doidos!” (pequeno empresário brasileiro)

De acordo com esse entrevistado, a realidade da convivência com mulheres jovens que vêm do Líbano para o Brasil muda completamente. Não é possível saber se há uma diferença tão grande de realidade na vivência de um país e de outro, mas dadas as segmentações religiosas que fazem parte da realidade libanesa, bem como um grande número deles serem originários de pequenas vilas de maioria muçulmana, há grandes possibilidades de a forma como as mulheres se portarem em seus locais de origem ser diferente daquelas com as quais convivem na fronteira. A vestimenta das muçulmanas, especialmente das xiitas, inclui não apenas o lenço que cobre os cabelos, mas também camisas folgadas que cubram os pulsos e o

quadril, e saias longas abaixo do tornozelo. Como já dito, nem todas as muçulmanas se vestem assim, mas costumam ter um cuidado maior nesse sentido.

De fato, as brasileiras e paraguaias se vestem de forma diferente, sem necessidade de esconderem o corpo, podendo usar calças e blusas justas, saias curtas, dentre outros. Além disso, entre os muçulmanos não há o hábito de longos diálogos entre homens e mulheres. A própria forma de cumprimento entre os sexos não costuma incluir nenhum contato físico. São hábitos definitivamente distintos dos quais dificilmente homens muçulmanos estão imunes quando vivem em um país de tradições diferentes das suas.

O relato abaixo traz dados interessantes sobre a forma como homens solteiros libaneses e descendentes têm determinadas liberdades não permitidas à mulheres solteiras da mesma origem, bem como possibilidades de convivência com outras mulheres, ainda que isso não seja muito bem aceito pela família.

“No Líbano não existe esse negócio de menina sair com amigos’, diz Dabaja. Mas para Mehedin Sleiman, um solteiro de 24 anos, esse é um dos grandes prazeres de ser brasileiro. Quase todas as noites ele e seus amigos, todos descendentes, saem para paquerar na noite de Foz – mesmo que, no final, terminem jogando baralho na casa de um deles. As baladas são sempre regadas, com raras abstenções, a uísque com guaraná. Numa sexta-feira aventurei-me com o grupo até a boate Disco, a mais badalada da cidade. A multidão balança ao som de música eletrônica, e quase todos parecem conhecer Mehedin. A cada cinco minutos uma garota vem cumprimentá-lo, e seus muitos amigos nunca deixam seu copo de Black Label ficar vazio. “Minha mãe até hoje fica acordada me esperando voltar”, diverte-se ele.

Mehedin sempre namorou brasileiras, mas nenhuma delas até hoje pôs os pés em sua casa, “por respeito à minha irmã”. Ele não se importa com a nacionalidade da mulher com quem vier a casar, mas sabe que uma brasileira não seria a primeira escolha de sua mãe.” (National Geographic, novembro de 2005, disponível em <http://nationalgeographic.abril.com.br/ngbonline/codigopostal/0511/index.shtml>)

A questão do “respeito à irmã” coincide com o relato de alguns de meus entrevistados. Das mulheres que entrevistei, entre as solteiras, nenhuma tinha o hábito de freqüentar boates ou “sair com os amigos”. Como foi dito acima, sua vida social era exercida em visitas à casa de parentes ou amigas. Entre os pais que tinham filhas solteiras adolescentes e adultas a

percepção era a mesma, não podiam freqüentar a mesma diversidade de lugares que os filhos homens. Alguns pais relataram que sabiam que seus filhos namoravam e saiam com jovens brasileiras e paraguaias, porém não lhes era permitido levá-las às suas casas livremente. O argumento usado era o mesmo relatado na matéria, o respeito às irmãs mulheres que não tinham a mesma liberdade.

A opinião das brasileiras e de suas famílias com relação aos libaneses também era de reprovação a relacionamentos. Entre as famílias de brasileiros com que convivi, as que tinham contatos mais próximos, profissionais geralmente, com libaneses costumavam estarem sempre atentos a “protegê-las”. Cuidavam para que esses relacionamentos não ultrapassassem os limites profissionais temendo “as diferenças” e a forma como eles não respeitavam mulheres de outras nacionalidades. Casamentos e namoros interétnicos obviamente ocorrem à medida que a comunidade permanece na fronteira em maior número. Porém, como o próprio repórter relatou em sua matéria, não são a primeira opção de pais libaneses, da mesma forma que esses não são por parte das famílias brasileiras.

“Eu convivo com eles, eu sei como é. Eles não respeitam, eles namoram, dão tudo, montam casa, sustentam elas, mas depois acaba tudo, eles não casam com brasileira. Só casam com as deles. E, os que casam com brasileiras são mal falados e excluídos as vezes, eles falam mesmo! E as brasileiras, coitadas, ficam na rua da amargura quando não são abandonadas, porque elas gostam deles, se apaixonam, depois sofrem. As paraguaias não, as paraguaias são espertas, elas ficam com eles só pelo interesse, pelo dinheiro. E falam mesmo, “é só por isso”, e tiram tudo que elas podem deles e depois quando eles as deixam, arrumam outro pra explorar. Elas são espertas, as brasileiras não, coitadas, se apaixonam”
E.

E. é brasileira e trabalha em uma loja de libaneses em Ciudad Del Este há oito anos. Suas impressões demonstram uma forte estereotipificação tanto no que diz respeito aos homens libaneses, quanto sobre as mulheres paraguaias. Infelizmente não tive oportunidade de entrevistar ou de conversar com funcionárias paraguaias, provavelmente suas percepções seriam diferentes. A questão que de fato importa para este trabalho é uma percepção forte de

que “eles só casam mesmo com as deles”, apesar de não deixarem de manter relacionamentos ou de assediar outras. Estas consideram que são menos respeitadas pelo fato de não serem consideradas “mulheres para casar” por libaneses.

Os depoimentos de outras 2 brasileiras que também trabalham em lojas de libaneses na cidade paraguaia coincidem com o de E. Relataram freqüentemente receberem presentes simples, como chocolates e picolés e outras vezes outros mais caros, como perfumes importados, ainda que não se envolvam com nenhum deles. Outras relataram casos de receberem convites para jantar, telefonemas em seu celular sem que tenham dado pessoalmente o número à pessoa que havia ligado. Uma delas contou que certa vez o dono de uma loja vizinha à que trabalha tentou colocar dinheiro em seu bolso dizendo ser um presente. Ganham um salário médio dentre 250 e 400 dólares, sem direitos trabalhistas em especial porque são brasileiras e não têm direitos em outro país e as leis paraguaias nesse sentido são aparentemente frouxas para o caso das próprias paraguaias. Mesmo com esses baixos salários muitas usam roupas e acessórios caros cujos salários não permitem adquirir.

Quando questionava alguns libaneses sobre o tema, demonstravam ter ciência desse estereótipo vinculado a eles, porém argumentavam não ser de fato assim tendo como base os casamentos interétnicos. Sempre apontavam algum conhecido ou parente casado com brasileiras ou paraguaias.

O importante aqui é que se tente ter respeito, porque aqui e em Foz tem muitos libaneses casados com brasileiras, bastante. Tem muita gente que levaram elas pra lá, levaram brasileiras pro Líbano, como você viu na hora da guerra, quantos voltaram pra cá, tudo era casado com brasileira. As pessoas aqui em Foz do Iguaçu quando vê uma menina com um árabe tem mania de dizer que é vagabunda, desculpe a expressão (...) mas é assim mesmo, não pode falar de todo mundo, assim pode ter árabe vagabundo, brasileira vagabunda, e os que não são. Hoje em dia tem meninos de 18, 19 anos que agarra mulherada, hoje em dia é assim e tem muita gente desse jeito. E o homem é homem, e burra de mulher quem cai. (libanês, 33 anos, residente no Brasil desde 1995, sócio de uma loja em Ciudad Del Este)

O argumento principal é de que não há nacionalidade ou etnia que defina quem possui mais “respeito” com relação a mulheres ou de mulheres que “se dêem mais ao respeito”. Quando questionava, então, a respeito de namoros e casamentos interétnicos poucos responderam indiferentes à origem ou religião das esposas e maridos de seus filhos e filhas. A maior parte se referia às diferenças de tradições e à dificuldade de convivência, por conta das diferenças de costumes, ainda que seus filhos fossem nascidos no Brasil e convivessem diariamente com nacionais desse país e dos outros na fronteira.

Das várias impressões de brasileiros acerca dos libaneses com quem em maior ou menor medida convivem na fronteira, discuti duas que ficam evidentes na vivência neste local. Questões relacionadas à gênero e ao poderio econômico/necessidade de relacionar-se profissionalmente com libaneses são importantes e trazem à luz divergências e conflitos acerca dessa convivência.

CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO, MANIFESTAÇÕES NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Outro hábito recorrente entre a comunidade árabe/libanesa em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este é a realização de manifestações públicas em momentos críticos de conflitos no Oriente Médio. Durante o período da minha pesquisa de campo estava em curso mais um conflito grave no Líbano e a comunidade da fronteira estava claramente mobilizada, tanto pela “causa que era defendida”, quanto pela preocupação com parentes que residem ou que passavam férias no país.

O conflito iniciou-se no dia 12 de julho de 2006 quando o Hezbollah atacou Israel. No confronto morreram 8 soldados israelenses e 2 do partido libanês. Na mesma ação foram seqüestrados 2 soldados israelenses, ponto inicial dos ataques. No dia seguinte, o aeroporto de Beirute e bases do Hezbollah espalhadas pelo Líbano foram bombardeadas por Israel. O

conflito teve continuidade até o dia 14 de agosto, quando foi feito um acordo entre as partes e oficializado o cessar-fogo. Apesar de ter durado pouco mais de um mês, teve consideráveis proporções e causou grandes perdas a ambos os países: “Durante 34 dias, Israel lançou ataques ao Líbano por terra, ar e mar. O Hezbollah também lançou foguetes (cerca de 4.000) contra o território israelense. O saldo dos ataques é de mais de 1.200 mortos [a maioria civis libaneses] e cidades libanesas inteiras destruídas, sem água, luz e telefone. Algumas cidades israelenses tiveram prédios danificados” (Folha de São Paulo, 27 de setembro de 2006).

O impacto da disputa foi grande no Brasil e maior ainda em pontos específicos do país com grande concentração de libaneses, dentre eles Foz do Iguaçu. A grande quantidade de brasileiros e libaneses com cidadania brasileira que estavam no Líbano durante o período, gerou uma necessidade de envio de aviões oficiais e comerciais fretados pelo governo brasileiro para resgatá-los em meio ao conflito. O assunto gozou de grande visibilidade na mídia brasileira. Várias entidades da colônia libanesa, palestina e síria, bem como entidades muçulmanas e druzas, dentre outras que se solidarizaram com a situação do conflito e das famílias de Foz do Iguaçu que lá se encontravam, organizaram uma manifestação pública no dia 19 de julho de 2006. Várias matérias circularam descrevendo o ato, dentre elas a que se segue publicada pelo jornal Gazeta do Povo, Paraná.

Quadro 3

2000 pessoas em Foz do Iguaçu pela da vida

Curitiba e Foz do Iguaçu - Um manifesto pela paz e de solidariedade ao povo libanês e palestino reuniu ontem à tarde cerca de 1,8 mil pessoas na Praça das Nações, centro de Foz do Iguaçu. Visivelmente comovidos, homens, mulheres e crianças carregavam as bandeiras do Brasil e do Líbano e pediam o fim dos conflitos. Em Curitiba, cerca de 300 pessoas participaram de uma manifestação em solidariedade ao povo libanês e palestino.

As três crianças de Foz do Iguaçu mortas na guerra - Basel Termos, 7 anos, Hadi Merhei, 8 anos, e sua irmã Fátima, 4 anos - foram homenageadas. Segundo a diretora do colégio onde os garotos estudavam, a Escola Libanesa-Brasileira, Regina Maria Venâncio, outros 30 alunos estão no Líbano.

Para o presidente da Comissão Brasileira Árabe, criada essa semana para apoiar o povo libanês, Ali Osman, 44, Israel alega que pretende resgatar dois soldados seqüestrados, mas impõe o pior bombardeio desde 1982.

Também participaram do ato representantes da Igreja Católica, políticos, grupo de escoteiros libaneses-brasileiro e cidadãos paraguaios que trabalham em lojas de árabes em Ciudad del Este.

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/07/358107.shtml>

Vários entrevistados comentaram a respeito da passeata, fecharam seus comércios na parte da tarde para participar e alguns funcionários brasileiros também estiveram presentes. Um deles me mostrou orgulhosamente um vídeo que fez durante o ato, exibindo uma grande quantidade de bandeiras do Líbano, faixas e o discurso de um dos líderes parte em árabe, parte em português. Essa manifestação não foi o primeiro ato público organizado por entidades árabes, muçulmanas ou libanesas na região. Reunindo algumas notícias antigas de jornais sobre a região, bem como trabalhos acadêmicos sobre a presença árabe no local, pude identificar outras manifestações referentes a conflitos e momentos críticos que envolviam países do Oriente Médio.

O maior manifesto da comunidade realizou-se em novembro de 2001 como uma defesa da paz em um momento tenso no mundo em geral, logo após os atentados de 11 de

setembro. O movimento “Paz sem Fronteiras” foi organizado por instituições da colônia árabe, com apoio de empresários de nacionalidades diversas e da prefeitura de Foz do Iguaçu. Convites foram enviados para entidades e representantes oficiais da Argentina e do Paraguai, bem como para lideranças judaicas e cristãs. A mobilização tinha como objetivo “mostrar que a região vive em paz e a harmonia, mesmo com representantes de várias raças e religiões”.(Agência de notícias da Prefeitura de Foz do Iguaçu, 1º de novembro de 2001). Encontrei matérias sobre outros atos públicos de árabes e libaneses na cidade anteriores a esse, dentre elas um manifesto de mulheres árabes (maioria palestina) contra o conflito entre israelenses e palestinos em outubro de 2000.

Essa mobilização em favor da comunidade por habitantes das cidades fronteiriças, bem como o apoio governamental, tem uma série de significados relevantes para a compreensão e a inserção social do grupo. O primeiro deles se refere à união de outras “etnias” e “nacionalidades” árabes a questões que, por vezes, remetem apenas a um país ou também à união da comunidade muçulmana pelo elo religioso que possuem. Percebe-se, ademais, uma solidariedade da população da fronteira, não necessariamente por conviverem diretamente e bem, mas o apoio governamental e a dependência econômica de muitos influencia. Ambos os assuntos foram comentados nas seções anteriores do capítulo. Por último, é uma forma como eventos políticos ocorridos em outro continente, influenciam diretamente aqueles que aqui vivem, do qual sentem-se parte e no direito de se mobilizar e mobilizar a população de outros países. São parte lá e também são parte aqui.

Entrevistei alguns donos de comércio em Foz do Iguaçu de origem palestina. Formalmente foram 3 no total, todos proprietários de lojas de calçado na Vila Portes. Todos haviam participado da manifestação do dia 19 de julho, ainda que o motivo não tenha sido um conflito em seu país ou que atingisse diretamente parentes seus. O principal argumento para tal fato era o de que eram solidários ao sofrimento do povo libanês durante os ataques,

realizados por Israel, com quem palestinos estão em constante conflito há muitos anos. Diziam saber o que é guerra, o que é sofrer ataques, passar fome, ficar sem luz, ter que fugir. O presidente da Associação Palestina, que não estava presente na data da manifestação, enviou um documento oficial à Comissão Brasileira Árabe apoiando o ato e prestando a solidariedade dos palestinos que viviam na fronteira diante da situação libanesa.

“Somos todos árabes”, era outro argumento fortemente usado. Ainda que não haja necessariamente uma convivência e união constante entre grupos de originários de países do Oriente Médio, o fato de serem árabes e de, muitas vezes, serem vistos como semelhantes (reduzidos à categoria de “turcos”) por brasileiros e paraguaios, reforça sua união. Ainda que se esforcem para demonstrar as diferenças de nacionalidades e etnias em determinados momentos, em outros há um esforço para que haja uma etnização dos árabes perante os países que os estão acolhendo. Esse último parece ser o caso da união durante manifestações públicas diante de conflitos.

Ainda sobre a temática da concepção de uma “comunidade árabe” da região, tive oportunidade de conversar rapidamente com uma das lideranças da colônia, que hoje não exerce mais nenhum cargo político oficial entre as instituições “árabes” ou “muçulmanas”, porém é ainda portador de um grande reconhecimento e respeito. Um dos maiores empresários da cidade, libanês de nascimento, esse senhor já foi, dentre outros cargos, presidente e um dos fundadores da Associação Comercial de Foz do Iguaçu. Em uma rápida conversa, ele não se mostrou disponível a me conceder uma entrevista, porém me deu uma “Lista de Presidentes e Amigos da Colônia”. A lista incluía cerca de 30 nomes de presidentes de associações de países do Oriente Médio, centros culturais e religiosos como a mesquita, uma casa de saúde administrada por druzos e os empresários donos das maiores lojas e centros comerciais em Foz do Iguaçu e em Ciudad Del Este. Ao lado do nome de cada uma das

“referências da colônia”, encontrava-se o cargo que exerciam ou a empresa da qual eram donos e os contatos de telefone e e-mail pelo qual podiam ser encontrados.

Ao conversar com outros líderes à frente de algumas das instituições listadas, me foram indicados vários dos outros nomes que também constavam lá. O presidente do Centro Cultural Islâmico disse que a manifestação de 2006 foi organizada pela Comissão Brasileira Árabe, conforme explicitado no recorte de jornal anteriormente apresentado, composta por representantes de grande parte das diversas instituições que se apresentavam na lista. Outras manifestações tais como a de 2001 também contaram com a participação de grande parte dos líderes de diversas origens e instituições, “amigos” da colônia. Percebe-se que há uma solidariedade mútua em determinadas situações, articulada através daqueles que se consideram “amigos”.

O ato de organizar manifestações diante de situações de conflito no Oriente Médio também é analisado por Espinola (2005, 171-188) entre a comunidade muçulmana de Florianópolis. Alguns pontos levantados pela autora podem dizer muito sobre as manifestações de Foz do Iguaçu. O principal a ajudar a pensar a comunidade da fronteira é o fato de as manifestações serem um ato que demonstra uma institucionalização e uma exposição do grupo no contexto social que habita. Conforme já exposto no capítulo anterior, na fronteira de Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este não há necessidade de esconder sua religiosidade diversa da maioria do país em que estão habitando. Além das instituições, associações e traços como uso do véu por muitas das mulheres nas ruas da cidade, as manifestações públicas são mais uma evidência da presença pública dos muçulmanos na transfronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um grande desafio tratar em um trabalho da forte e antiga presença de um segmento étnico como “árabe” de grande importância para um espaço com tamanhas complexidades. Trouxe aqui apenas alguns aspectos entre vários outros que ainda podem ser explorados. Migrações internacionais, convivência em espaços etnicamente segmentados, fronteiras, comércio, ilegalidade, terrorismo internacional, dentre vários assuntos trazem à luz temas de alta relevância da contemporaneidade, aumentando cada vez mais o leque de abordagens possíveis a partir do segmento explorado nesse trabalho.

Enfoquei aqui como as relações no espaço comercial da transfronteira Ciudad Del Este/Foz do Iguaçu se dão em termos de distanciamento e estereotipificação do diferente. Vários ângulos que permitem perceber como se dá esse processo foram aqui expostos. Acusações de terrorismo internacional, a religiosidade muçulmana, conflitos nas relações de gênero, dentre outros, permitem que se perceba algumas situações em que ficam expostas dificuldades de interação entre os diversos segmentos étnicos. Não se pode ignorar, entretanto, momentos de necessidade de interação e de convivência pacífica geralmente propiciadas pela atuação do segmento em atividades comerciais. Existe nesse espaço comercial Ciudad Del Este/Foz do Iguaçu, também, uma tentativa de demonstrar a capacidade de boa convivência de vários segmentos étnicos que lá habitam. Ainda que haja fricções, tentativas de preservações culturais internas aos segmentos, o esforço maior é de buscar demonstrar a convivência pacífica possível, apesar de tantas fronteiras políticas e culturais.

Poucos estudos foram realizados acerca do segmento libanês nesse espaço transfronteiriço e as possibilidades para estudos futuros constituem-se em um imenso cabedal. O campo dos estudos sobre religião é vasto e profícuo tanto interna quanto externamente à colônia libanesa. A convivência entre muçulmanos sunitas e xiitas varia em relações de cooperação e conflito, de acordo com situações e conveniências, bem como não se pode

desconsiderar a forma como lidam com a minoria de libaneses de religião cristã que também vive na fronteira. Da mesma forma, um estudo mais aprofundado sobre uma comunidade muçulmana em um espaço fronteiro caracterizado por religiosidade e tradições majoritariamente cristã apresenta-se como relevante.

No que diz respeito a estudos relativos a relações de gênero encontram-se várias possibilidades. Dentre elas, um estudo sobre a perspectiva feminina desse grupo migratório, possivelmente bastante diverso da visão masculina predominante em estudos do processo migratório. Os conflitos nas relações entre libaneses, brasileiras e paraguaias abordadas nesse trabalho também podem ser aprofundados e trazer à luz uma grande quantidade de reflexões acerca das relações de gênero em situação de segmentação étnica.

Finalmente, percebo uma possibilidade de trabalhos que relacionem a diáspora libanesa aos fluxos comerciais globais. Nem todos os grupos migratórios que se deslocaram e ainda o fazem ao redor do mundo têm uma relação tão forte com atividades comerciais. No caso libanês a perspectiva que relaciona a diáspora com estudos acerca das “outras globalizações” (Ribeiro, 2005) se mostra importante e o estudo dos libaneses que hoje estão em Foz do Iguaçu/Ciudad Del Este permite um aprofundamento nesse sentido.

BIBLIOGRAFIA

- BASCH, Linda; GLICK SCHILLER, Nina & SZANTON BLANC, Cristina. **Theoretical Premisses**. In: **Nations Unbound- transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized Nation-States**.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Os (des)caminhos da identidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, nº42, fevereiro de 2000.
- _____. **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto & BAINES, Stephen (orgs) – Brasília: editora Universidade de Brasília, 2005.
- ESPINOLA, Cláudia Voigt. **O véu que (des)cobre: Etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- FLEISCHER, Soraya. **Passando a América a Limpo: O Trabalho de Housecleaners Brasileiras em Boston, Massachusetts**. São Paulo, Annablume. 2002.
- GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil- história oral de imigrantes**. São Paulo: Editora Gandalf, 2005.
- JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos no Extremo Sul do Brasil: identidade étnica e mecanismos sociais de produção da etnicidade- Chuí/RS**. Rio de Janeiro:UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, 2000. Tese de Doutorado.
- JIMENEZ MARCANO, Elvia Elena. **La Construcción de espacios sociales transfronterizos entre Santa Elena de Uairen(Venezuela)y Villa Pacaraima(Brasil)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação sobre América Latina e Caribe (Ceppac), Brasília, 1996.
- MARTES, Ana Cristina Braga. **Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachussets**. In: *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. pág: 87-121.
- MENEZES, Gustavo H. S. **Filhos da imigração: sobre a segunda geração de imigrantes brasileiros nos EUA**”. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS-UnB), março de 2002.
- MENDONÇA, Luciana de Andrade. **Parques Nacionais do Iguazu e Iguazú: uma fronteira ambientalista entre Brasil e Argentina**. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, r. & BAINES, S. (organizadores) – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. (Coleção América)
- ORTÍZ, César Pérez. **La triple Frontera Argentina/Brasil/Paraguai: uma aproximación a las representaciones periodísticas sobre un espacio sociocultural**. Dissertação (Mestrado em

- Antropologia Social) –Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2003.
- PAES, Maria Luiza Nogueira. **A paisagem emoldurada: do Éden imaginado à razão do Mercado – um estudo sobre os Parques Nacionais do vulcão Poás, na Costa Rica, e do Iguazu, no Brasil.** Tese de Doutorado. Brasília, Programa de Pós-Graduação sobre América Latina e Caribe (Ceppac), UnB, 2003.
- PORTES, Alejandro & RUMBAUT, Rubén G. **Immigrant América: a portrait.** Berkley and Los Angeles: University of Califórnia Press, , Califórnia, 1990.
- RABOSSI, Fernando. **Nas Ruas de Ciudad Del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira.** Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2004.
- _____. **São ou não são? Essa não é a questão- re-enfocando a presença árabe em Foz do Iguazu e Ciudad Del Este.** Ainda no prelo a ser publicado no livro: Middle East in Brazil organizado por Paul Amar (UC Santa Barbara) e Paulo Gabriel Pinto (UFF).
- RIBEIRO, Gustavo Lins. **Empresas Transnacionais: um grande projeto por dentro.** São Paulo, Marco Zero, 1991.
- _____. **Bichos-de-obra- fragmentação e reconstrução de identidades no sistema mundial.** In: Cultura e Política no Mundo Contemporâneo - Paisagens e passagens. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000- pág. 57-77.
- _____. **A Condição da Transnacionalidade.** In: Cultura e Política no Mundo Contemporâneo- Paisagens e passagens. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000 - pág. 93-129.
- _____. **Other globalizations. Alter-native transnational agents.** Lecture in the University of Osaka, February18, 2005.
- SILVA, Regina Coeli Machado e. **Reconstrução de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguazu, desafios analíticos.** Trabalho apresentado na 25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Goiânia, Goiás, 11-14 de junho de 2006.
- SOUZA, Ângelo José Sátyro. **Feira do Paraguai. Território e Poder. História e Memória.** Monografia final de graduação, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2000.
- SIMMEL, George. **O Estrangeiro.** In: George Simmel: sociologia. Evaristo de Moraes Filho (org.) São Paulo: Ática, 1983- pág. 182-188.
- TRUZZI, Oswaldo M. S. **De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo.** São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP; Brasília, DF: CNPq, 1991. (série imigração v.2)

WANIEZ, Philippe & BRUSTLEIN, Violette. **Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social**. Alceu- v.1 – n2 – pág.155 a 180- jan/jul.2001.

WOLF, Eric R. **Europe and the people without history**. Berkley and Los Angeles: University of Califórnia Press, Califórnia, 1982.

Sites na Internet

Agencia de notícias da Prefeitura de Foz do Iguaçu

<http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br/noticias/20011101.html>

Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu

<http://www.islam.com.br/index.html>

Centro de Estudos e Divulgação do Islã

<http://www.islam.org.br/>

El Atentado de AMIA

<http://www.atentadodeamia.com.ar/index2.htm>

O Estado de São Paulo

<http://www.estadao.com.br/>

Folha de São Paulo

<http://www.folha.uol.com.br/>

Gazeta do Povo

<http://canais.ondarpc.com.br/gazetadopovo/>

Secretaria de Turismo do Município de Foz do Iguaçu

<http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/turismo/default.aspx?opcao=1>

Anexos



Avenida Brasil – Foz do Iguaçu – Brasil. Uma das principais do Centro da cidade, local onde os primeiros libaneses que chegaram à região estabeleceram seus comércios e onde, ainda hoje, possuem muitos estabelecimentos. (Foto: Aline Arruda)



Anúncios de marcas internacionais famosas no acesso à Ciudad Del Este pela Ponte da Amizade. (Foto: Aline Arruda)



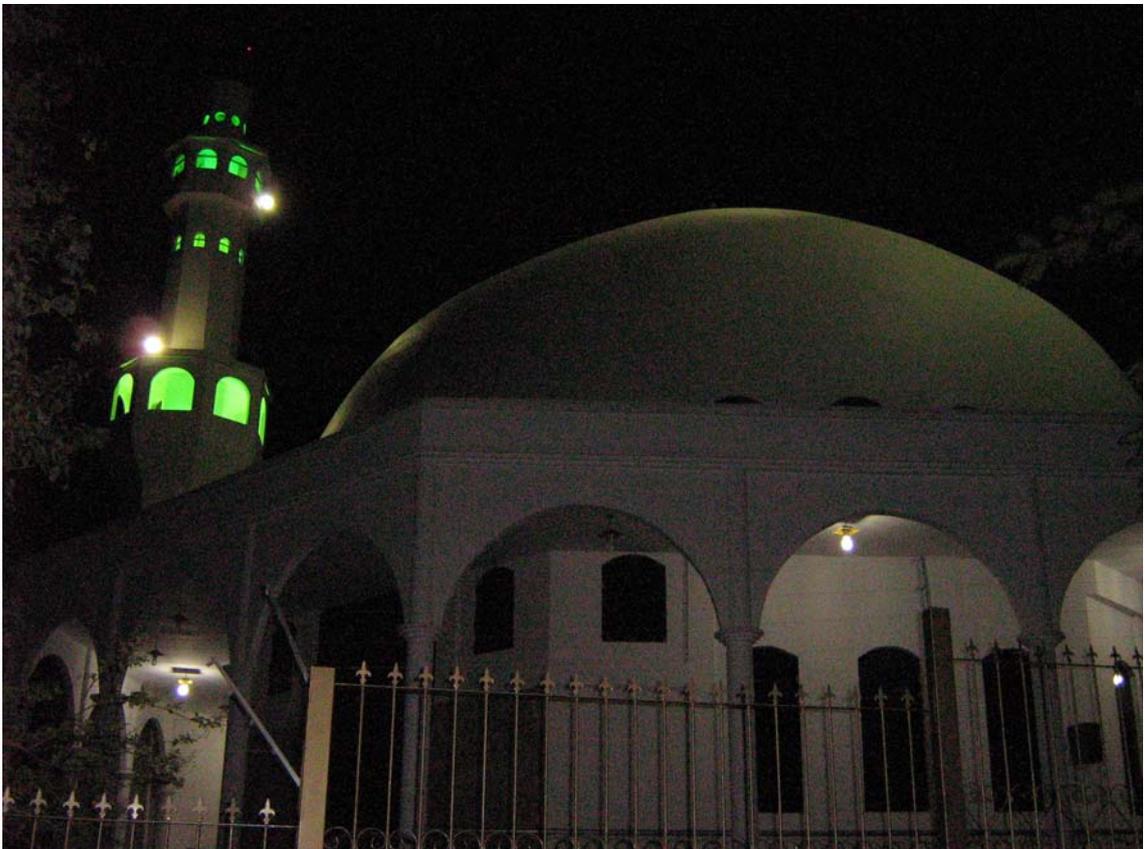
Movimento em horário comercial na Aduana paraguaia. (Foto: Aline Arruda)



Uma das principais avenidas do microcentro de Ciudad Del Este. (Foto: Aline Arruda)



Mesquita Omar Ibn Al-Khatab (Mesquita Sunita), Foz do Iguaçu. (Foto: Aline Arruda)



Visão noturna da mesquita Omar Ibn Al-Khatab , a iluminação é recente e foi instalada pela diretoria mais recente do Centro Cultural Islâmico por ser um dos principais pontos turísticos da cidade. (Foto: Aline Arruda)



Homens no interior da mesquita durante oração de sexta-feira. (Foto: Aline Arruda)



Mulheres durante a oração de sexta-feira. (Foto: Aline Arruda)



Escola Árabe – Brasileira. (Foto: Aline Arruda)

1º BIMESTRE	2º BIMESTRE	3º BIM
ASSMA M. DABAJA	ASSMA MOHAMAD DABAJA	
IBRAHIM M. HIJAZI	MARUA WALID HAMDAN	

Quadro de alunos destaque da Escola Árabe – Brasileira. (Foto: Aline Arruda)



*Prato típico do Oriente Médio sendo preparado em um dos restaurantes e açougues árabes de Foz do Iguaçu.
(Foto: Aline Arruda)*